

Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Psicologia Social e das Organizações

Violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo e *Stress*  
Minoritário: um estudo descritivo-correlacional

Eliana Filipa da Mata Simões

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia Social e das Organizações

Orientadora:

Doutora Carla Moleiro, Professora Associada,

ISCTE-IUL

Novembro, 2020



## **Dedicatória**

*Para vocês, as estrelas mais brilhantes do Universo, Avó Lena e Avô Zé.*

*Porque com vocês aprendi a conjugar e a sentir o Amor,*

*Amar-vos-ei até ao infinito!*



## Agradecimentos

Wow, que aventura estes últimos 5 anos! Foram uma montanha-russa de emoções, de sentimentos, de experiências, de crescimento e de conhecimento, é a melhor forma que encontro para descrever esta etapa vivenciada naquela que é viagem da vida!

Confesso, que ser trabalhadora-estudante não é fácil, acresce mais determinação, motivação, empenho e responsabilidade. Neste sentido, é com muito orgulho e felicidade que vejo concluída esta etapa académica. Compensou o facto de durante estes últimos anos dormir diariamente menos de 5h, passar o dia todo a correr entre a faculdade e o trabalho, almoçar entre as corridas dos transportes públicos e entre muitas outras aventuras!

No meio desta montanha-russa procurei tranquilidade e refúgio junto dos meus, por isso quero agradecer aos meus **Tios** e **Primos**. Com vocês partilhei sorrisos, histórias, preocupações e receios, conseguindo sempre acalmar o coração e recarregar a bateria para terminar esta etapa! Para as minhas **Irmãs**, obrigada pelos momentos partilhados, pelo apoio demonstrado! Obrigada a todos vocês!

A ti, **Ana**, agradeço-te por conseguires relativizar os meus problemas e anseios! Contigo aprendi que existem diferentes formas de amar, de apoiar, de estar presente e é através da nossa comunicação cómica e humorística que nos aproximamos. Obrigada!

Foi com tremenda felicidade que recebi a notícia de ter como minha orientadora a Professora Doutora **Carla Moleiro**, foi um privilégio trabalhar consigo. Quero agradecer-lhe por tudo o que preni consigo, e nos momentos de maior *stress* por me ter tranquilizado com as suas palavras, a sua disponibilidade e a sua simpatia. Obrigada!

A ti, **Eduardo**, agradeço-te pelos puxões de orelhas ao longo de todo este processo que foi a nossa investigação! Agradeço-te pela paciência, pelas horas investidas, pela disponibilidade, pela simpatia e pela tranquilidade transmitida! Aprendi imenso contigo, não só como investigadora, mas também como estudante e como Ser Humano. Obrigada!

Quero agradecer a todos os/as **participantes** que voluntariamente contribuíram e a todos/as aqueles/as, que ajudaram, de alguma forma, para a concretização da investigação. Obrigada a todos/as vós!

Por fim, agradeço à minha psicóloga, a Doutora **Marisa Romero**, que no meio desta montanha-russa me ajudou a reencontrar o foco e a determinação, que me ajudou a acalmar o turbilhão de emoções e sentimentos vivenciados! Obrigada!



## Resumo

A investigação científica tem progressivamente reconhecido a importância de estudar o fenômeno da violência nas relações íntimas. No entanto, verifica-se uma enorme lacuna na investigação da violência no namoro (VN) entre pessoas do mesmo sexo. Os objetivos do presente estudo foram caracterizar a prevalência em contexto nacional da VN entre pessoas do mesmo sexo, bem como explorar a sua associação com a satisfação na relação e o papel mediador da autoestima. Adicionalmente, e atendendo ao quadro conceptual do *Stress* Minoritário de Meyer (2003), explorou-se a relação com a abertura em relação à orientação sexual (AOS), a discriminação percebida e a homonegatividade internalizada (HI). A investigação foi de cariz quantitativo e descritivo-correlacional numa amostra de conveniência (N = 229; 72.05 % mulheres e 27.95 % homens). Os resultados demonstraram que a discriminação se associou a níveis mais elevados de vitimização e perpetração. As subescalas da HI correlacionaram-se positivamente com a perpetração e negativamente com a vitimização. Verificaram-se correlações moderadas e significativas entre a vitimização e perpetração, sustentando a possível bidirecionalidade da VN. Constataram-se ainda correlações significativas entre a AOS e a HI, e entre a AOS e a discriminação. Verificaram-se correlações significativas e negativas entre a vitimização e a satisfação na relação, contrastando com a perpetração na qual não se constatou correlações significativas. A replicação do estudo com uma amostra mais diversificada é recomendada e são discutidos alguns resultados em termos de prevenção da VN nesta população.

Palavras-chave: violência no namoro; *Stress* Minoritário; relações entre pessoas do mesmo sexo; bidirecionalidade; vitimização; perpetração.

Códigos PsycINFO

**2980** Sexual Behavior & Sexual Orientation

**3020** Group & Interpersonal Processes





## **Abstract**

The scientific research has progressively recognized the importance of studying the phenomenon of violence in intimate relationships. However there is a huge gap in the investigation of the same-sex dating violence (DV). The objectives of the present study were characterize the prevalence in national context of DV among people of the same sex as well to explore the association with relationship satisfaction and the mediation role of self-esteem. Additionally and considering the conceptual framework of Minority Stress from Meyer (2003) was explored the relationship with openness in relation to sexual orientation (OSO), perceived discrimination and internalized homonegativity (IH). The investigation was quantitative and descriptive-correlational in a convenience sample (N = 229; 72.05 % woman and 27.95 % men). The results showed that discrimination was associated with higher levels of victimization and perpetration. The IH subscales correlated positively with perpetration and negatively with victimization. There were moderate and significant correlation between victimization and perpetration supporting the possible bidirectionality of DV. Significant correlations were also found between OSO and IH, and between OSO and discrimination. There were significant and negative correlations between victimization and relationship satisfaction contrasting with the perpetration in which no significant correlations were found. The replication of the study with a more diverse sample is recommended and some results are discussed in terms of prevention of DV in this population.

Keywords: dating violence; Minority Stress; same-sex relationships; bidirectionality; victimization; perpetration

PsycINFO Classification Categories

**2980** Sexual Behavior & Sexual Orientation

**3020** Group & Interpersonal Processes



## Índice

Resumo.....	v
Abstract.....	vii
Introdução.....	1
Capítulo I - Enquadramento Teórico.....	5
1.1. Violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo.....	5
1.1.1 Contextualização e Definição.....	5
1.1.2. Prevalência.....	9
1.1.3. Características de Vitimização e Perpetração em casais do mesmo sexo.....	15
1.2. Fatores de Risco da violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo.....	19
1.2.1. Discriminação Percecionada.....	21
1.2.2 Abertura em relação à orientação sexual.....	23
1.2.3. Homonegatividade Internalizada.....	25
1.2.4. Autoestima.....	27
1.3. Impactos da violência nas relações de namoro entre pessoas do mesmo sexo.....	29
1.3.1. Satisfação na relação.....	30
1.4. Problema e Objetivos.....	31
Capítulo II - Método.....	35
2.1. Amostra.....	35
2.2. Instrumentos.....	37
2.3. Procedimento.....	42
Capítulo III – Resultados.....	43
3.1. Caracterização da violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo.....	43
3.2. Fatores associados à violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo.....	49
3.3. O efeito mediador da Autoestima.....	53
3.4. Relação com a satisfação na relação.....	55
Capítulo IV – Discussão.....	57

Referências .....	65
Anexos.....	75
Anexo A. Consentimento Informado.....	75

## Índice de Quadros

Quadro 1. Dados sociodemográficos da amostra .....	36
Quadro 2. Consistência Interna e Inter-Correlações de Pearson para a escala de Homofobia Internalizada .....	39
Quadro 3. Prevalência de comportamento abusivos nas relações de namoro entre pessoas do mesmo sexo, referente aos os participantes que estão pela 1ª vez numa relação ou que já estiveram no passado.....	44
Quadro 4. Prevalência de comportamentos abusivos nas relações de namoro passadas e a decorrer, aquando da aplicação do questionário, entre pessoas do mesmo sexo .....	46
Quadro 5. Participantes que foram alvo e que adotaram comportamentos abusivos nas relação de namoro entre pessoas do mesmo sexo atendendo ao estado relacional.....	49
Quadro 6. Correlações de Pearson entre as variáveis.....	50
Quadro 7. Resumo da análise de regressão para as variáveis preditoras da vitimização global.	51
Quadro 8. Resumo da análise de regressão para as variáveis preditoras da perpetração global .....	52
Quadro 9. Resultados de regressão para o modelo de mediação da vitimização global .....	53
Quadro 10. Resultados de regressão para o modelo de mediação da perpetração global .....	55



## Índice de Figuras

Figura 1. Coeficientes de regressão para a relação entre a identificação pública e a vitimização global mediada pela autoestima .....	54
Figura 2. Coeficientes de regressão para a relação entre a percepção interna de estigma e a perpetração global mediada pela autoestima.....	55





## **Glossário de siglas**

AOS	Abertura em relação à Orientação Sexual
APAV	Associação Portuguesa de Apoio à Vítima
DGS	Direção-Geral da Saúde
DV	Dating Violence
ENIND	Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não-Discriminação
HI	Homonegatividade Internalizada
IH	Internalized Homonegativity
IMH	Igualdade entre Mulheres e Homens
LGB	Lésbicas, Gays e Bissexuais
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais
OSO	Openness in relation to Sexual Orientation
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
VMVD	Violência contras as Mulheres e Violência Doméstica
VN	Violência no Namoro
VRI	Violência em Relações Íntimas



## Introdução

A violência no namoro está tipificada como crime no artigo 152.º do Código Penal Português e figura na Estratégia Nacional para a Igualdade e a Não-Discriminação – Portugal + Igual 2018 - 2030 (ENIND), sendo esta sustentada em três Planos de Ação referente à não discriminação em função do sexo e da igualdade ente mulheres e homens (IMH), à prevenção e combate a todas as formas de violência contras as mulheres, violência de género e violência doméstica (VMVD), e ao combate à discriminação em função da orientação sexual, identidade e expressão de género, bem como características sexuais.

A violência no namoro constitui um fenómeno de génese antiga, sendo de cariz universal (Machado et al., 2010) e representando um problema grave de saúde pública que poderá alcançar níveis mais graves (e.g., a morte), afetando as relações entre pessoas do mesmo sexo ou de sexo diferente a uma escala mundial (Neves, 2014). Salienta-se que este é considerado como um dos mais claros preditores da violência conjugal (White et al., 2001; Wolfe et al., 2003).

Importa realçar o tipo de relação particularizada na nossa investigação (i.e., namoro) definindo-a como sendo uma relação diádica entre duas pessoas envolvendo interações sociais e atividades com a intenção implícita ou explícita de prosseguir com a mesma até que seja decidido terminar ou estabelecer outro tipo de compromisso (e.g. noivado, casamento) (Straus, 2004).

A violência no namoro define-se pelo uso de força, da ameaça ou de qualquer ato (i.e., físico ou psicológico) com a intenção de magoar, ferir ou causar dor no outro (Machado et al., 2010). Contudo, sendo esta uma definição redutora, importa referir que o fenómeno envolve formas de comportamento abusivo sendo ela de cariz físico, emocional e sexual (Ferreira, 2011), bem como o *cyber dating abuse* (Neves, 2014).

A investigação científica referente ao fenómeno tem aumentado devido ao impacto na saúde mental e aos dados reveladores da sua incidência (Murta et al., 2013), nomeadamente contata-se que as relações íntimas (i.e., sejam elas maritais, coabitacionais ou de namoro) frequentemente são pautadas pela presença de algum índice de abuso e/ou disfunção (Paiva & Figueiredo, 2003).

Importa reforçar, que no início da idade adulta o abuso tem tendência a ser mais prevalente e a qualidade do relacionamento com o/a companheiro/a torna-se relevante tanto

para a sua qualidade futura e durabilidade, promovendo implicações a nível de saúde para os indivíduos (Paiva & Figueiredo, 2003).

Neste sentido, e atendendo à enorme lacuna referente à violência nas relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo (Reuter et al., 2017), às vulnerabilidades e especificidades subjacentes (e.g., dupla estigmatização, invisibilidade, homonegatividade internalizada, ameaça de *outing*) (Moleiro et al., 2016) e ao elevado risco de vitimização e perpetuação nas mesmas (Dank et al., 2014), é importante investigar o fenómeno.

Adicionalmente, e particularizando para o contexto nacional, constata-se que a prevalência da violência em relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo apresenta índices elevados (e.g., Santos & Caridade, 2017) e evidências sugerem que pode ser tão frequente como em casais de sexo diferente (APAV, 2010), reiterando assim a necessidade de aumentar a sua visibilidade.

A literatura reforça a “dupla invisibilidade” subjacente a este fenómeno (i.e. o receio do casal do mesmo sexo ser discriminado, uma vez que a sociedade ainda se sustenta na homofobia e condenação da homossexualidade, tornando invisível as dinâmicas abusivas nestas relações) (Santos & Caridade, 2017).

Consequentemente, dificulta a reposta aos indivíduos envolvidos nestas relações abusivas (e.g., mecanismos informais de apoio, como a criação de abrigos para as vítimas lésbicas, gays, bissexuais e transsexuais (LGBT) evitando o contacto com o agressor) e o desenvolvimento de ações preventivas (e.g., elaboração e implementação de esforços preventivos ajustados à realidade em causa) (Santos e Caridade, 2017).

Para uma melhor compreensão deste fenómeno é importante investigar os fatores de risco, uma vez que são relativos (i.e., dependem das características individuais da vítima e do perpetrador, das características do meio familiar e socioculturais) e aumentam a probabilidade de ocorrência ou manutenção da violência, sendo categorizados como sociodemográficos, individuais, situacionais e contextuais (APAV, 2010).

Contudo, e especificando para casais do mesmo sexo, existem fatores únicos associados às dinâmicas abusivas, que são necessários ter em conta. Neste sentido, e para a nossa investigação utilizaremos o quadro conceptual de Meyer (2003) definido como *Stress* Minoritário, uma vez que permite compreender os efeitos negativos na saúde psicossocial e bem-estar resultantes do contexto social estigmatizante (Rostosky et al. 2007).

O *stress* minoritário, quando aplicado aos indivíduos LGB, é composto por cinco fatores, sendo eles a) experiências de discriminação, b) rejeição antecipada, c) esconder e ocultar as suas identidades, d) lidar com a homonegatividade internalizada (HI) e, conseqüentemente, de modo a lidar com estes fatores os indivíduos desenvolvem e) estratégias de *coping* (Rostosky et al., 2007).

A investigação tem relacionado o *stress* minoritário nos homens *gay* e mulheres lésbicas com uma diversidade de contextos (e.g., trabalho, familiar, individual), evidenciando o seu impacto negativo e significativo nas relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo (e.g., Balsam & Szymanski, 2005; Rostosky et al., 2007; Carvalho et al., 2011; Longobardi & Badenes-Ribera, 2017; Badenes-Ribera et al., 2019).

As vivências de abuso (i.e., físico, emocional/psicológico ou sexual) em contextos de relação íntima apresentam efeitos adversos significativos no indivíduo, tanto a curto (e.g., medo, insónias) como a longo prazo (e.g., depressão, disfunção sexual, reduzida autoestima) (Paiva & Figueiredo, 2003). Reforçando, que a literatura reporta frequentemente uma outra consequência, a satisfação na relação (Kaura & Lohman, 2007).

Ademais, e independentemente da natureza do abuso vivenciado neste contexto, a VN está associada ao empobrecimento do funcionamento mental e físico do indivíduo, bem como à determinação de uma maior vulnerabilidade para a existência de perturbações psicológicas, agravando em última instância a qualidade de vida (Paiva & Figueiredo, 2003).

Neste sentido, revela-se pertinente investigar a violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo tendo em conta as especificidades dos fatores mencionados e a sua relação com a satisfação na relação. A revisão de literatura inicia-se com a apresentação da definição deste fenómeno, a sua prevalência e as características associadas à vitimização e perpetração; seguidamente, abordamos a associação deste fenómeno com os fatores de abertura em relação à orientação sexual, a discriminação percebida e a homonegatividade internalizada, atendendo ao quadro conceptual Stress Minoritário de Meyer (2003), bem como os fatores da autoestima e a satisfação na relação; por fim, são apresentados os objetivos, hipóteses e problemas subjacentes à nossa investigação. Por conseguinte, são apresentados o método, os resultados e a discussão, sendo refletidas as evidências encontradas, as limitações do estudo e as possíveis direções para futuras investigações relacionadas ao tema.



## Capítulo I - Enquadramento Teórico

### 1.1. Violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo

#### 1.1.1 Contextualização e Definição

A violência define-se como sendo o uso intencional de força física ou poder, contra si mesmo/a, contra outra pessoa, ou contra o grupo ou comunidade, que resulta em ou tem uma alta probabilidade de resultar em ferimentos, morte, danos psicológicos, pobre desenvolvimento ou privação (WHO, 2002).

Devido à complexidade deste fenómeno, utiliza-se a seguinte tipologia: a autodirigida (comportamento suicida e auto abuso), a interpessoal (família/parceiro e comunidade) e a coletiva (social, política e económica), reforçando que a mesma sustenta-se em diferentes naturezas de violência, como a física, a sexual, a psicológica e a privação ou negligência (WHO, 2002).

A nossa investigação focar-se-á na violência interpessoal, nomeadamente quando manifestada em relações íntimas, sendo representada na literatura como um grave problema de saúde pública e pode alcançar níveis mais severos (i.e., a morte), afetando as relações entre pessoas do mesmo sexo ou de diferente sexo (Neves, 2014b). Importa reforçar, que este fenómeno é transversal ocorrendo em distintos e diversos contextos sociais, etários, económicos, culturais e/ou religiosos, e é considerado pela sociedade como sendo um assunto referente à esfera privada (DGS, 2014).

Constata-se uma grande variedade de conceptualizações referente ao fenómeno da violência em relações íntimas (VRI), sendo frequentemente utilizadas terminologias como “violência conjugal”, “violência familiar”, “violência doméstica”, “violência de género” ou “violência contras as mulheres” (DGS, 2014). Na comunidade científica internacional, são utilizadas terminologias como *dating violence*, *intimate partner violence* ou *courtship violence*.

Surge, assim, a necessidade de definir a violência nas relações íntimas. As definições da VRI mais conservadoras geralmente restringem-se apenas ao abuso físico e sexual (e.g., bater, dar murros, sexo forçado), enquanto definições mais latas abrangem os comportamentos não-físicos (e.g., isolar, ridicularizar, ameaças verbais, provocar ciúmes) (Reuter et al., 2017). Segundo Reuter et al. (2017) este fenómeno refere-se ao comportamento abusivo que ocorre em contexto de relações românticas.

Neste sentido, é necessário definir o construto compreendendo as várias formas de abuso, e a título de exemplo Machado et al. (2010) conceptualizam-no como sendo a ameaça, o uso de força ou qualquer outro ato (psicológico ou físico) exercido com a intenção de magoar, ferir ou causar dor no parceiro.

O fenómeno encontra-se ancorado a percepções e conceções de género, promotoras da determinação dos papéis sociais de homens e mulheres (Neves, 2008, citado por Neves, 2014b), promovendo definições como sendo a violência física, sexual e psicológica direcionada contra as mulheres pelo atual ou ex-companheiro (Jewkes, 2002).

Contudo, e como resultado das últimas décadas de investigação referente à VRI, a conceção referente ao sexo do perpetrador e da vítima, tem-se vindo a alterar para uma representação da vítima mais abrangente (i.e., podem ser tanto do sexo masculino como do feminino) e para uma caracterização dos atos que pode variar entre unilateral a mútuos e recíprocos (Neves, 2014a).

Sendo a violência no namoro (VN) uma das formas de expressão da VRI, e uma vez que a nossa investigação centrar-se-á na mesma, podemos definir como sendo o comportamento do indivíduo dentro da relação íntima promotor de dano sexual, físico ou psicológico, englobando atos de coerção sexual, abuso psicológico, agressão física e comportamentos controladores (Heise & Garcia-Moreno, 2002).

Importa, assim, definir as formas de comportamento violento que sustentam a violência no namoro, sendo elas de cariz emocional/psicológica, físico e sexual (Teten et al., 2009). Adicionalmente, a literatura refere novas formas de abuso como o *Stalking* (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017) e o *Cyber Dating Abuse* (Neves, 2014b), este resultante da utilização com fins abusivos e de controlo do/a parceiro/a das tecnologias de informação e comunicação (TIC).

A violência física, conceptualiza-se como sendo o uso intencional de força física com o potencial de magoar (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017). Envolve comportamentos como puxar, bater, morder, pontapear e asfixiar, podendo recorrer ou não a objetos, tornando-se mais severo a cada episódio que ocorre (Smith & Donnelly, 2000).

Importa referir, que em instâncias mais graves de violência física em que é necessária assistência de profissionais de saúde, o/a agressor/a poderá acompanhar a vítima e não ser percecionado/a como tal pelos/as profissionais de saúde (e.g., numa circunstância em que duas mulheres se dirigirem ao serviço de urgência médica, a agressora poderá assumir o papel de



amiga e controlar a informação transmitida pela vítima aos/às profissionais, uma vez que se constata uma invisibilidade sobre as relações do mesmo sexo e a presunção da heterossexualidade) (Moleiro et al., 2016).

A violência sexual, define-se como sendo o ato sexual cometido ou a sua tentativa sem o consentimento livre da vítima ou contra alguém que não é capaz de consentir ou recusar (e.g., utilização de droga ou álcool para forçar ou facilitar a penetração na vítima, toque sexual intencional). Adicionalmente, inclui qualquer ato sexual, comentários ou insinuações que não são desejadas, tentativas para obter o ato sexual, ou seja, é todo o ato contra a sexualidade do indivíduo usando a coerção (Jewkes et al., 2002).

Especificando para os casais do mesmo sexo, esta violência poderá ser exponenciada (i.e., minimização da violência sexual por parte da vítima ou pares, devido às representações estereotipadas referentes à sexualidade de *gays*, *lésbicas* e *bissexuais*) (Moleiro et al., 2016).

A violência psicológica e/ou emocional é frequentemente descrita pelas vítimas como sendo um “terror psicológico”, englobando atos por palavras ou comportamentos como humilhar, desprezar, criticar, insultar, e pode ocorrer em público (e.g., na presença de familiares ou amigos/as) ou em privado (Moleiro et al., 2016). De forma intencional, o/a agressor/a pode criticar negativamente ou denegrir ações e características (i.e., de personalidade ou físicas) da vítima, promovendo sentimentos de mal-estar na mesma (e.g., culpa, diminuição) (Moleiro et al., 2016).

Sucintamente, concetualiza-se como sendo o uso de comunicação verbal ou não-verbal com a intenção de magoar a outra pessoa mental ou emocionalmente, e/ou com o objetivo de controlar a outra pessoa (e.g., ofender, humilhar, limitar o acesso ao dinheiro, amigos e família; ameaça de agressão física e sexual; controlo da saúde sexual) (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017).

Particularizando para os casais do mesmo sexo, este tipo de violência pode, não sendo exclusivo, assumir formas específicas, tais como: a) reforço do insulto social (i.e., promover sentimentos de vergonha na vítima por ser *bissexual*, *gay* ou *lésbica*), b) ameaça de *outing* (i.e., revelar aos demais a orientação sexual do/a seu/sua companheiro/a); c) em situações que envolvem menores, a ameaça de cortar os laços poderá levantar a problemática do reconhecimento legal como pai ou mãe dos mesmos (Moleiro et al., 2016).

Algumas das consequências deste isolamento são vergonha por parte da vítima e perturbações, tanto psicossociais como emocionais, relacionadas com o abuso. Importa salientar, que em casais do mesmo sexo o isolamento e invisibilidade referente aos indivíduos LGBT, bem como às suas relações, permite ao/à agressor/a utilizá-las nas suas estratégias (e.g., ameaçar a vítima quando existe contato com outros membros da comunidade LGBT, com associações ou recursos comunitários) (Moleiro et al., 2016).

O desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação (TIC) promoveu o aparecimento de diferentes formas de regulação das relações sociais, particularmente no contexto de relações íntimas, criando meios alternativos de contacto grupal e interpessoal (Neves, 2014b). Consequentemente, novas formas de exercício de violência surgiram fermentando uma nova forma de abuso, *Cyber Dating Abuse* (e.g., Powell, 2010; Borrajo et al., 2015).

O *Cyber Dating Abuse* é uma forma comum de interação interpessoal entre os casais jovens e frequentemente ocorrer em contextos de ciúmes, estando também relacionado com a agressão psicológica *offline* (Borrajo et al., 2015). Este tipo de abuso envolve elementos específicos, distinguindo-se das tradicionais formas de abuso, nomeadamente o envio pela internet de fotos ou vídeos (i.e., que a vítima considera embaraçosos ou não adequados) pelo companheiro/a sem o seu consentimento, a utilização das *passwords* das redes sociais do companheiro/a sem o seu consentimento, ou a utilização das TIC para controlar o companheiro/a ou para ameaçar (Borrajo et al., 2015).

Por fim, uma outra forma de abuso é conceptualizada pela literatura como *stalking*, sendo definida como o padrão de repetição, atenção não desejada e contacto que promove medo ou preocupação pela própria segurança ou pela segurança de terceiros (e.g., repetição de emails, chamadas ou mensagens não desejadas, deixar cartas ou flores) (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017).

Um dos tópicos de maior discussão no campo científico referente à violência nas relações íntimas é o carácter unidirecional ou bidirecional subjacente à mesma. Segundo Capaldi et al. (2007) o fenómeno de bidirecionalidade subjacente à VRI sustenta-se na reciprocidade das agressões e abusos entre os intervenientes da relação. A reciprocidade define-se como a presença de agressões durante uma discussão em determinado momento após o/a companheiro/a iniciar o comportamento agressivo (Capaldi et al., 2007).

Segundo a revisão de literatura de Langhinrichsen-Rohling et al. (2012), constatou-se que entre os cinco tipos de amostras utilizadas, metade relatou o padrão bidirecional ( $M = 57.5\%$ ). Os resultados desta revisão de literatura suportam a necessidade de considerar as dinâmicas relacionais, os padrões de comunicação, as capacidades de resolução de problemas e os estilos de resolução de conflitos aquando da prevenção e intervenção nos vários tipos de violência em relações íntimas (Langhinrichsen-Rohling et al., 2012).

Os investigadores Capaldi et al. (2007), focaram-se nas diferenças deste padrão em função do sexo dos participantes e constataram, que tanto os homens como as mulheres, retribuíram em taxas semelhantes a agressão física iniciada pelo/a seu/sua companheiro/a. Evidenciando, assim, a semelhante probabilidade da reciprocidade do comportamento abusivo entre ambos os sexos.

Embora exista ainda muita discussão sobre este tópico, verificamos a existência de várias as investigações que sustentam o padrão bidirecional da violência nas relações íntimas. Nomeadamente, Straus e Gozjolko (2014) constataram que as relações com este padrão apresentam percentagens maiores de lesões físicas (e.g., uma nódoa negra, partir um osso), sendo as diferenças entre o sexo feminino e masculino muitas reduzidas.

### **1.1.2. Prevalência**

A investigação científica sobre este fenómeno inicialmente colocou a ênfase, como objeto de estudo, no casamento/união de facto, desconsiderando as relações de namoro e ocasionais, bem como as relações entre pessoas do mesmo sexo (Caridade & Machado, 2012). Contudo na década de 80 estendeu-se a outros contextos relacionais (i.e., casais de diferente sexo que coabitam, casais do mesmo sexo e relações de namoro) (Machado et al., 2010).

No entanto, existem algumas dificuldades subjacentes à sua investigação, devido ao conjunto de fatores impeditivos da sua visibilidade social (i.e., dificuldade na definição do constructo de violência, bem como a sua operacionalização; difícil acesso à população juvenil, por exemplo obter a autorização dos encarregados de educação) (Caridade & Machado, 2012).

Neste sentido, a visão compreensiva referente à VN ainda é um pouco limitada, nomeadamente permanecem questões por responder (e.g., qual é base da violência praticada por raparigas) e especificidades necessárias a ter em conta (e.g., a violência perpetuada nas

relações de namoro entre pessoas do mesmo sexo, bem como em comunidades imigrantes, e o fenómeno do homicídio neste contexto) (Neves, 2014b).

Remontando à década de 80, surge o estudo pioneiro sobre a violência em relações íntimas entre pessoas de sexo diferente na população juvenil, desenvolvido por James Makepeace. Nesta investigação, 61.5 % dos estudantes universitários afirmaram já ter tido contacto com alguém que vivenciou experiências de violência no namoro e 21.2 % experienciou pelo menos uma vez violência nas suas relações (Makepeace, 1981).

A investigação de Makepeace (1981) ao englobar os conceitos de abuso físico e sexual no estudo das relações interpessoais íntimas, promoveu uma maior motivação na investigação deste fenómeno, principalmente durante as décadas de 80 e 90 (Paiva & Figueiredo, 2003).

Partindo da investigação de Makepeace (1981), foi realizada uma revisão compreensiva e sistemática até 2015 referente à violência no namoro, bem como relações íntimas, entre os jovens adultos com idades compreendidas entre 15 anos e 30 anos, na qual englobou 169 investigações a nível mundial (Jennings et al., 2017).

Constataram, que a prevalência da violência nas relações íntimas/namoro entre os indivíduos mais jovens (< 10 %) é menor do que entre os jovens adultos (~ 20 – 30 %), reforçando que são as raparigas em ambas as faixas etárias a reportar uma maior prevalência na vitimização comparativamente aos rapazes (Jennings et al., 2017).

A investigação internacional sobre este fenómeno, constatou que a prevalência da VN nos adolescentes é aproximadamente 9 % nas raparigas e 6 % nos rapazes, bem como a associação da mesma a maiores níveis de desordens dos comportamentos alimentares, pensamentos e tentativas suicidas, e menores níveis de bem-estar emocional e autoestima (Ackard & Neumark-Sztainer, 2002 citado por Jennings et al., 2017).

O estudo intercultural desenvolvido por Straus (2004), na qual englobou 31 universidades de 16 países, constatou-se que a percentagem de agressão física variou entre 17 % e os 45 % nos 12 meses prévios da relação e 29 % dos estudantes reportou ter agredido fisicamente o/a companheiro/a.

A nível nacional, segundo o Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro 2020 (Magalhães et al., 2020) composta por uma amostra com participantes do sexo masculino e feminino, e idades compreendidas entre os 11 anos e os 21 anos ( $M = 15$  anos), constatou que 58 % dos jovens que já estiverem numa relação de namoro reportou ter sofrido de pelo menos

um dos comportamentos de violência questionados (i.e., psicológica, sexual, física, através das redes sociais, perseguição, controlo).

Constatou-se, igualmente, que os indicadores de vitimização mais frequentes sustentaram-se em números elevados, nomeadamente no que concerne à violência psicológica e aos comportamentos de controlo (Magalhães et al., 2020). Exemplificando, 28 % dos rapazes e 30 % das raparigas reportaram que durante discussões foram insultados; bem como, 20 % dos rapazes e 25 % das raparigas reportou ter sido proibido/a pelo/a seu/sua (ex) namorado/a de falar ou estar com amigos/as durante a relação (Magalhães et al., 2020).

Ademais, os participantes deste estudo foram questionados sobre a legitimação da VN, constatou-se diferenças significativas na legitimação dos comportamentos de violência sexual ( $M_{\text{Raparigas}} = 4\%$  vs  $M_{\text{Rapazes}} = 16\%$ ) e nos comportamentos de controlo ( $M_{\text{Raparigas}} = 30\%$  vs  $M_{\text{Rapazes}} = 42\%$ ) (Magalhães et al., 2020).

Paralelamente, e em contexto universitário, foi desenvolvido Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2020 com uma amostra jovem ( $M = 22.5$  anos) e diversificada referente à orientação sexual (i.e., participantes heterossexuais, homossexuais e bissexuais) (Neves et al., 2020). Constataram que 53.9 % dos participantes reportou já ter sofrido pelo menos um ato de VN, na qual 35 % reportou já ter praticado pelo menos um ato de VN (Neves et al., 2020).

Verificou-se, igualmente, que é o sexo masculino a adotar mais comportamentos abusivos e constataram diferenças nas médias de idade, referente à vitimização (i.e., quem sofre de violência apresenta uma média de idades mais elevada) e à perpetração (i.e., as pessoas que praticam violência são mais velhas das que não praticam) (Neves et al., 2020).

Especificando para os tipos de violência, verificou-se que a violência psicológica é a mais prevalente nas relações de namoro, seguindo-se a violência social, física e sexual (Neves et al., 2020). Dados recentes apontam para 20.7 % das mulheres e 11.1 % dos homens já foram controladas/os pela forma de pentear, vestir ou pela imagem, em locais frequentados, nas amizades ou companhias; 16% das mulheres e 9.4 % dos homens reportaram já terem sido ameaçadas/os verbalmente ou mediante comportamentos promotores de medo (e.g., gritar) (Neves et al., 2020).

Reforça-se, assim, a existência de vários estudos que utilizam amostras exclusivas de pessoas que se identificam como heterossexuais, identificando os principais fatores associados

à vitimização na violência em relações íntimas, no entanto ainda se verifica uma enorme lacuna referente às amostras com pessoas jovens LGBT (Reuter et al., 2017).

Contudo, as evidências empíricas obtidas pela investigação realizada com amostras de pessoas que se identificam como heterossexuais podem não ser possíveis de generalizar às amostras em questão, uma vez que as experiências de namoro ente pessoas LGBT apresentam características específicas e distintas devido a um conjunto de fatores (e.g., homonegatividade internalizada, o grau de *ouness*) (Reuter et al., 2017).

A nível internacional, Turell (2000) contribuiu para compreender melhor o fenómeno da VRI entre pessoas do mesmo sexo e constatou que 9 % dos participantes reportaram violência física na relação presente e 32 % nas relações passadas, sendo que 83 % reportou pelo menos uma das formas de abuso emocional mensuradas. Especificando, constatou-se que as mulheres reportaram maiores frequências que os homens referente ao abuso físico, coerção, vergonha, ameaças e uso das crianças para controlar (Turell, 2000).

Sucintamente, com a sua investigação, Turell (2000) conclui que os indivíduos LGB experienciam violência física e sexual em frequências semelhantes aos indivíduos heterossexuais, reforçando a necessidade de mais investigação.

Segundo Matte e Lafontaine (2011), a violência psicológica é mais prevalente que a violência física e o seu impacto pode ser devastador para os indivíduos envolvidos e neste sentido pretendem examinar a relação entre estes dois tipos de violência ente casais do mesmo sexo.

Constataram que 76.2 % das mulheres reportou ter perpetrado violência psicológica e 14.7 % violência física pelo menos uma vez no último ano na sua relação amorosa; nos homens verificou-se que 70.7 % reportou ter perpetrado violência psicológica e 12 % violência física pelo menos uma vez no último ano na sua relação amorosa (Matte & Lafontaine, 2011).

Referente à vitimização verificou-se que 70.2 % das mulheres foi alvo de violência psicológica e 16.1 % de violência física, pelo menos uma vez no último ano na sua relação amorosa; nos homens constatou-se que 78.4 % reportou ter recebido violência psicológica e 12 % em violência física pelo menos uma vez no último ano da sua relação amorosa (Matte & Lafontaine, 2011).

Embora existam vários estudos que evidenciem a prevalência da violência psicológica, importa realçar a investigação de Edwards e Sylaska (2013) que referente à perpetração de

violência física em relações do mesmo sexo, constatou ser a mais reportada (19.9 %), de seguida a violência psicológica (12.5 %) e, por fim, a violência sexual (10.5 %); referente à vitimização 13.3. % dos participantes reportou a mesma, 7.3% reportou a perpetuação e 22.3 % reportou ambas (i.e., a vitimização e perpetuação) (Edwards & Sylaska, 2013) contrastando, assim, com alguns dos estudos mencionados anteriormente.

Especificando para as relações entre o mesmo sexo com dois homens, Bartholomew et al. (2008) utilizaram uma amostra de 1175 homens na qual a maioria identificou-se como sendo *gay* (93 %). Constatou-se que 41 % dos participantes reportou ter sido alvo de pelo menos um ato físico violento no decorrer da sua vida e 35 % reportou ter agido de forma violenta para o seu companheiro pelo menos uma vez no último ano, reforçando que 12 % dos participantes reportou ter recebido e perpetrado abuso físico no último ano (Bartholomew et al., 2008).

Referente ao abuso psicológico, constatou-se que 94 % dos participantes reportou ter recebido pelo menos um ato de abuso psicológico e 96 % reportou ter perpetrado o mesmo (Bartholomew et al., 2008). Relativamente ao abuso sexual, 12 % dos participantes reportou que no passado já vivenciaram o companheiro do mesmo sexo ameaçar ou utilizar a força para ter relações sexuais, especificamente 8 % foi forçado fisicamente e 4 % foi ameaçado (Bartholomew et al., 2008).

O estudo de cariz exploratório e qualitativo sobre as dinâmicas abusivas nas relações lésbicas desenvolvido por Ristock (2003), realizou 80 entrevistas a mulheres que se identificam como lésbicas e constatou que a maioria se identificou como vítima, sendo que 3 identificaram-se como perpetradoras, bem como uma parte reportou alternar o papel de vítima e perpetrador no decorrer da relação.

As principais evidências encontradas neste estudo foram que a maioria das participantes experienciou uma combinação de abuso emocional (i.e., isolamento, ameaça de morte, ameaças homofóbicas, ameaças de tentativa de suicídio, chamadas telefónicas de assédio), verbal (i.e., gritar, ofender, insultos, ataques racistas) e físico (i.e., restrição, empurrar, esbofetear, morder, utilização de armas); tendo sido mencionados outros comportamentos tais como *stalking*, atirar objetos, destruição de propriedades, condução perigosa para assustar, abuso financeiro (i.e., criar cartões de crédito, roubar dinheiro) e abuso sexual (i.e., coerção, sexo forçado, violar com um objeto) (Ristock, 2003).

Especificando para o contexto nacional, Santos e Caridade (2017) procuraram caracterizar a prevalência nas relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo em Portugal, utilizando um

amostra de 168 participantes com idades compreendidas entre os 18 anos e os 35 aos ( $M = 22.5$  anos) e sendo a maioria do sexo feminino (76.2 %).

Constataram que 92.3 % dos participantes reportaram a existência de pelo menos um comportamento violento no seu relacionamento íntimo ao longo do último ano (Santos & Caridade, 2017). Nomeadamente, na totalidade da amostra 92.3. % assumiu ter adotado este tipo de comportamento em relação ao/a seu/sua companheiro/a e 91.7 % reportou ter sido vítima de um ato de abuso (Santos & Caridade, 2017).

Particularizando para aos vários tipos de violência (i.e., físico sem sequelas, físico com sequelas, psicológico e coerção sexual) analisados nesta investigação, no que concerne à vitimização referente à violência psicológica constatou-se que 69.2 % dos participantes reportaram violência psicológica ligeira e 30.4 % severa; a menos reportada foi a coerção sexual, sendo a ligeira reportada por 29.2 % dos participantes e a severa por 3.6 %; por fim, referente ao abuso físico sem sequelas 28.6 % reportou ter sido ligeiro e 11.9 % ter sido severo, sendo que para o abuso físico com sequelas 10.7 % reportou ter sido ligeiro e 1.2 % ter sido severo (Santos & Caridade, 2017).

Referente à perpetração, constatou-se uma elevada agressão psicológica comparativamente ao abuso físico e à coerção sexual, neste sentido 70.2 % dos participantes reportaram a prática de agressão psicológica ligeira e 29.8 % severa; referente aos comportamentos fisicamente abusivos, 26.8 % reportou a prática deste abuso sem sequelas ligeiro e de cariz severo foi admitido por 9.5 % da amostra, por outro lado a perpetração de atos desta natureza que deixaram sequelas foi reportado por 11.3 % de forma ligeira e por 1.8 % de forma severa; por fim, 28 % dos participantes reportou a perpetração de comportamentos enquadrados na coerção sexual ligeira e 1.2 % de cariz severo (Santos & Caridade, 2017).

Sucintamente, verificam-se índices elevados a nível da prevalência da violência a nível global (i.e., tanto na vitimização como na perpetração) contrastando com a investigação de Costa et al. (2011) que verificou índices de 39.1 % referente à perpetração de comportamentos abusivos e 37.7 % de vitimização.

Verifica-se, assim, que em contexto nacional ainda é bastante reduzido o conhecimento e a investigação empírica sobre o fenómeno da violência em relações íntimas entre duas pessoas do mesmo sexo. Neste sentido, conjugando com as evidências encontradas e prevalência do fenómeno nestas relações, torna-se fundamental contribuir para a sua maior visibilidade.



### **1.1.3. Características de Vitimização e Perpetração em casais do mesmo sexo**

São vários os estudos que evidenciam uma frequência semelhante da ocorrência de violência em relacionamentos íntimos entre pessoas do mesmo sexo e de diferente sexo. Neste sentido, realçam-se os aspetos idênticos que estão presentes nas dinâmicas destes relacionamentos violentos (i.e., independente de ser ou não do mesmo sexo): os tipos de violência, as estratégias do/a agressor/a, o Ciclo de Violência e o impacto/consequências para as vítimas (APAV, 2010).

Nomeadamente, Matthews et al. (2002) constataram que em ambos os tipos de casais estão presentes indicadores de estratégias pobres de resolução de conflito, concluindo que os contornos e dinâmicas subjacentes à violência nas relações íntimas entre casais do mesmo sexo é semelhante à dos casais de sexo diferente.

Constata-se, assim, várias semelhanças entre as relações entre pessoas do mesmo sexo e de diferente sexo referente a este fenómeno, nomeadamente também nestes relacionamentos recorre-se à violência como forma de lidar com os problemas subjacentes à relação afetiva (Costa et al., 2011). Contudo, o fenómeno particularizado para os casais do mesmo sexo ainda é uma realidade largamente ignorada (Costa et al., 2011).

Segundo Dank et al. (2014), quando comparadas as experiências de violência no namoro entre jovens heterossexuais e jovens lésbicas, *gays* e bissexuais (LGB), constatou-se que os jovens LGB apresentam frequências significativamente superiores em todos dos tipos de experiências de vitimização. Nomeadamente, referente à violência física 43 % dos jovens LGB reportou ter sido vitimizado contrastando com 29 % dos jovens heterossexuais, 59 % reportou violência psicológica comparando com 46 %; e, por fim, 23 % reportou coerção sexual contrastando com 12 % dos jovens heterossexuais (Dank et al., 2014).

Adicionalmente, na perpetração de comportamentos abusivos também se constatou diferenças, especificando 33 % dos jovens LGB reportou ter perpetuado violência física comparando com 20 % de jovens heterossexuais, da mesma forma 37 % reportou perpetuar violência psicológica comparando com 25 %; referente ao *cyber abuse* 18 % dos jovens LGB reportou a perpetração contrastando com 12 % dos jovens heterossexuais (Dank et al., 2014). Por fim, relativamente ao comportamento de coerção sexual os valores foram reduzidos, 4 % dos jovens LGB reportou ter perpetrado comparando com os 2 % dos jovens heterossexuais (Dank et al., 2014).

Ainda no seguimento da investigação desenvolvida por Dank et al. (2014) constatou-se que as vítimas LGB eram mais prováveis de: obter notas mais baixas na escola, utilizar álcool e/ou drogas envolver-se em atos de delinquência, ser mais ativos sexualmente, pobre ajustamento psicológico (i.e., mensurado pelas elevadas frequências de sintomas depressivos, de hostilidade/raiva e ansiedade), passar mais horas por dia no computador e faltar mais vezes à escola.

Neste sentido, e conjugando com a prevalência de comportamentos abusivos verificada nos relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo, torna-se importante atuar sobre a visibilidade deste fenómeno que ainda se encontra caracterizado socialmente pela sua “dupla invisibilidade” (Santos & Caridade, 2017) e é promotor de um formato específico de violência e abuso psicológico (i.e., tríade *insulto – invisibilidade – isolamento*) (Moleiro et al., 2016).

Por conseguinte, permite ao/a agressor/a adotar formas específicas de vitimização e controlo (e.g., ameaça de *outing*), bem como promove o reforço e ampliação das consequências da vitimização (Moleiro et al., 2016). De seguida, menciona-se estas especificidades promovendo uma melhor compreensão do fenómeno em relações entre pessoas do mesmo sexo:

#### *Insulto*

Segundo Eribon (1999), o desenvolvimento dos indivíduos LGBT ocorre mediante um quadro de insulto (citado por Moleiro et al., 2016), promovendo a aprendizagem precoce de conceitos insultuosos, como “paneleiro”, “bicha” ou “fufa”, nos diversos contextos (e.g., núcleo familiar, escola). Posteriormente, em fases mais avançadas, o indivíduo LGBT consciencializa-se do significado dessas palavras, bem como interiorizam o insulto (Moleiro et al., 2016).

Importa realçar, que o insulto dirigido a indivíduos *gay*, *lésbica* ou *bissexual* centra-se no núcleo da sua identidade, sendo por isso particularmente forte. Consequentemente, o desenvolvimento da identidade dos indivíduos LGBT é restringida por estas atitudes socialmente negativas, promovendo a internalização do estigma associado à sua sexualidade e/ou identidade de género (Costa et al. 2013), na qual alguns autores conceptualizam como homonegatividade internalizada (e.g., Pereira & Leal, 2005; Costa et al, 2013).

#### *Invisibilidade*

A orientação sexual de um indivíduo não sendo um atributo visível, não possibilita reconhecer ou identificar uma pessoa que seja *gay*, *lésbica* ou *bissexual*, só em situações em que o mesmo exteriorize ou verbalize (Moleiro et al., 2016). Consequentemente, torna-se

necessário que as pessoas LGBT “saíam do armário” recorrentemente para serem reconhecidas como tal, tendo impacto no desenvolvimento da sua identidade (Moleiro et al., 2016).

A invisibilidade referente à orientação sexual sustenta-se no heterossexismo (i.e., preconceito e estigmatização existente referente a todas as identidades, comportamentos e relações não-heterossexuais, compreendendo a noção social de marginalização e sustentando-se num sistema de crenças e valores) (Oliveira, 2010). Este tipo de heteronormatividade evidencia-se na generalidade das interações sociais, pelo que poderá ser necessário as pessoas LGBT exteriorizarem a sua identidade e orientação sexual nos vários contextos e esferas sociais em que se insere (Moleiro et al., 2016).

#### *Isolamento em função da orientação sexual*

Na sua generalidade, os indivíduos LGB não crescem numa comunidade LGB ou não tem um contacto com pessoas que experienciam a mesma situação, denotando-se assim um elevado isolamento (i.e., devido à invisibilidade associada às pessoas *gay*, *lésbica* ou *bissexual* existe uma dificuldade em estabelecer contacto e desenvolver relações significativas com outras pessoas LGB) (Moleiro et al., 2016).

Resultante de uma possível reduzida dimensão da rede social na qual o/a agressor/a ou vítima pertencem, o pedido de ajuda é dificultado aquando da ocorrência deste fenómeno conjugando com o receio de ser estigmatizado/a no seu grupo (DGS, 2014). Conjugando com a restrição relacional imposta pelo/a agressor/a (i.e., impedir ou dificultar o contacto com a família, amigos ou colegas) reforça-se o isolamento da vítima (DGS, 2014).

O estigma associado à procura de ajuda e ao contacto com as organizações (i.e., privadas e públicas) aumenta a dificuldade da vítima em procurar a mesma e obtê-la, que conjugado com os possíveis anteriores pedidos de ajuda sem sucesso e vivências discriminatórias promove um aumento do isolamento e, conseqüentemente, da sua vulnerabilidade (DGS, 2014).

Embora se constate um aumento da visibilidade de pessoas *gays* e *lésbicas*, bem como o aumento do poder político promotor de atitudes sociais mais positivas referente às questões e problemáticas LGB, permanece a estigmatização, discriminação (sendo subtil ou velada) e persistência de oposições marcantes (Nogueira & Oliveira, 2010).

Neste sentido, permanece a necessidade fundamental da existência de *role models* (i.e., diversificados e positivos) possibilitando aos indivíduos LGB a percepção de não estarem

sozinhos e de que a sua orientação sexual não restringe o seu sucesso e felicidade (Moleiro et al., 2016).

#### *Utilização do outing como instrumento de intimidação*

A ameaça de *outing* é considerada como uma das estratégias da violência psicológica específica dos casais do mesmo sexo, na qual consiste em revelar ou ameaçar revelar a orientação sexual do/a companheiro/a aplicando-se a situações na qual a vítima ainda não comunicou à sua família, rede de amigos e/ou trabalho (DGS, 2014). Sucintamente, consiste numa estratégia para o perpetrador manter o controlo e intimidar a vítima (DGS, 2014).

A investigação de Yu et al. (2013) foi um dos estudos pioneiros a debruçar-se sobre esta estratégia, na qual verificaram que 32.8 % dos homens *gays* relataram ter sofrido de violência no namoro, sendo 12.4 % ameaçados de *outing* pelo companheiro, e 83.9 % nunca partilhou com alguém o abuso experienciado (Yu et al., 2013).

#### *Associação da VRI como sendo exclusiva entre casais de sexo diferente*

Frequentemente, a VRI é associada aos casais entre pessoas de sexo diferente sendo exercida pelo perpetrador do sexo masculino contra a vítima do sexo feminino, uma vez que é a mais reconhecida e com maior representação estatística (APAV, 2010) resultado da sociedade heteronormativa em que vivemos.

Esta associação promove a assunção da ausência do fenómeno em relações entre pessoas do mesmo sexo, considerando que as mesmas são mais igualitárias e, conseqüentemente, a vítima quando envolvida nesta situação não se reconheça como tal (APAV, 2010), conjugando com as dificuldades que o ciclo social (i.e., família, amigos, colegas) terão em agir sobre situações de violência nestes casais (APAV, 2010).

O estudo qualitativo de Elísio et al. (2018) foi desenvolvido com o objetivo de retratar a violência no namoro, bem como compreender a vitimização e perpetração, entre casais de homens *gays* com idades compreendidas entre os 19 anos e os 29 anos. Constatou-se, que as especificidades mencionadas anteriormente (e.g., a dupla estigmatização, a invisibilidade, o isolamento) promovem uma acentuada ocultação da violência vivenciada na relação (Elísio et al., 2018).

Constatou-se ainda, que a violência psicológica foi referida pelos participantes como sendo a mais invisível, no entanto é a mais prevalente e manifesta-se mediante comportamentos de

intimidação, agressão verbal e ameaças. A violência sexual foi a menos reportada, mas quando referida era de cariz bastante gravosa (Elísio et al., 2018).

Importa realçar um outro contributo desta investigação, que são as assimetrias de poder, podendo estas ser objetivas ou subjetivas. Os participantes evidenciaram o facto de um dos membros do casal se considerar superior ao outro está na origem da vitimização e a dependência da vítima ao perpetrador ajuda a subjugação, bem como dificulta o término da relação (Elísio et al., 2018).

## **1.2. Fatores de Risco da violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo**

Constata-se um importante progresso empírico no que concerne à compreensão do fenómeno da violência no namoro (Vézina & Hébert, 2007), sendo que as investigações realizadas demonstram que certos fatores colocam os jovens com maior risco de experienciar este abuso (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017).

A revisão empírica de Vézina e Hébert (2007) organizou os fatores de risco em quatro categorias diferentes, sendo elas fatores sociodemográficos (e.g., idade, etnicidade, estatuto socioeconómico), fatores individuais (pessoal ou interpessoal) (e.g., depressão, ideação suicida), fatores situacionais (família, comunidade e pares) (e.g., pobre aceitação social, abuso na família) e fatores contextuais (i.e., características associadas à relação íntima abusiva).

Destacam-se os seguintes fatores a) vitimização prévia, seja direta ou indireta, na infância (i.e., exposição à violência interparental), b) consumo de álcool e/ou outras substâncias, c) atitudes legitimadoras da violência e d) outros fatores intra ou interpessoais (e.g., dependência, reduzida autoestima, depressão, reduzidas competências comunicacionais) (Caridade & Machado, 2012).

São várias as analogias na investigação científica do fenómeno da violência no namoro entre casais do mesmo sexo e de sexo diferente, contudo os fatores de risco estão frequentemente presentes em níveis mais elevados no namoro entre pessoas do mesmo sexo (Dank et al. 2014), uma vez que fazem parte de uma minoria sexual marginalizada (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017).

Neste sentido, as experiências de namoro entre pessoas do mesmo sexo são caracteristicamente diferentes, uma vez que estão presentes um conjunto de fatores únicos (e.g.,

estigma internalizado, grau de abertura da orientação sexual) promotores de *stress* adicional no indivíduo e na relação íntima (Reuter et al., 2017).

Estes fatores ao interagir com o fenómeno promovem ou exacerbam as vulnerabilidades dos indivíduos que vivenciam este tipo de dinâmica na sua relação com outra pessoa do mesmo sexo (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017), podendo ser este abuso mais prevalente quando comparado com casais de sexo diferente (Reuter et al., 2017).

O quadro conceptual de Meyer (2003) definido como *Stress* Minoritário, permitiu compreender melhor o impacto dos fatores específicos associados aos indivíduos LGB nas suas relações de namoro. Sucintamente, o mesmo define-se como sendo uma série de eventos psicossociais stressantes resultantes da pertença do indivíduo a um grupo minoritário, que é marginalizado e estigmatizado (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017).

Segundo Meyer (2003), os pressupostos subjacente ao seu quadro conceptual é que o *stress* minoritário é: a) único, o mesmo é aditivo ao conjunto dos stressores gerais experienciados por todas as pessoas, neste sentido será necessário e exigido um maior esforço de adaptação aos indivíduos estigmatizados comparativamente aos indivíduos que não são estigmatizados; b) crónico, o mesmo está relacionado com estruturas culturais e sociais relativamente estáveis; e c) baseado socialmente, ou seja, o mesmo resulta de processos sociais, instituições e estruturas acima do indivíduo, e não em eventos e condições individuais.

Segundo Meyer (2003), os fatores referidos no seu quadro conceptual, promovem um ambiente de hostil e de *stress* nos indivíduos, constatando-se a prevalência de problemas de saúde mental na comunidade LGB. Importa reforçar, que a investigação científica verifica em mulheres lésbicas e homens *gays* uma exposição desproporcional a eventos de preconceito, incluindo discriminação e violência (Meyer, 2003).

Adicionalmente, constata-se que os indivíduos LGB reportam maior *stress* psicológico, abuso de substâncias e outro fatores de risco, permitindo explicar a maior prevalência de VRI entre pessoas do mesmo sexo (Edwards et al., 2015). Neste sentido, os indivíduos LGB genericamente experienciam mais e maiores níveis de fatores de risco contrastando com os indivíduos heterossexuais (Edwards et al., 2015).

Por conseguinte, a literatura refere a importância de integrar fatores de risco associados à violência no namoro entre pessoas de sexo diferente com os fatores de risco específicos das relações íntimas LGB (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017). Assim, incluímos na nossa

investigação os seguintes fatores: abertura em relação à orientação sexual, homonegatividade internalizada, discriminação percebida e a autoestima.

### **1.2.1. Discriminação Percebida**

O impacto da opressão cultural é particularmente importante quando se refere à violência nas relações íntimas em qualquer grupo oprimido (Balsam & Szymanski, 2005). Neste sentido, é importante investigar e compreender as experiências dos indivíduos LGB, mediante a lente da cultura homofóbica e heterossexista (Balsam & Szymanski, 2005) inerente à sociedade atual.

Por conseguinte, e como resultado desta opressão cultural, tanto as mulheres lésbicas e bissexuais, como os homens *gays* e bissexuais, lidam no decorrer da sua vida com diversas situações de discriminação LGB e crimes de ódios (Balsam & Szymanski, 2005).

A literatura refere que os estudos apresentam uma elevada discordância na associação entre a discriminação e o risco de vitimização e perpetração da VRI entre pessoas do mesmo sexo, ressaltando que as associações positivas encontradas refletem a atual sociedade heterossexista e são promotoras do exercício de formas de violência entre indivíduos LGB nas suas relações íntimas (Stephenson & Finneran, 2017).

A nível internacional, constatou a inexistência de associações entre discriminação e a perpetração da violência física e sexual, numa amostra de jovens LGB (Edwards & Sylaska, 2013). Verificando igualmente que a discriminação não predizia a violência psicológica aquando da presença de outras variáveis preditoras (e.g., vitimização sexual, física e psicológica, homonegatividade internalizada) (Edwards & Sylaska, 2013).

A investigação de Balsam e Szymanski (2005) utilizou uma amostra de mulheres lésbicas e bissexuais, e constataram que as experiências de discriminação não estavam relacionadas com violência física, sexual ou psicológica nas relações íntimas. Contudo quando considerada em simultâneo com a homonegatividade internalizada verificou-se que seriam uma forte preditora da VRI (Balsam & Szymanski, 2005).

No entanto, as experiências de discriminação vivenciadas pelo indivíduo LGB demonstram correlações moderadas com a perpetração da violência psicológica e física (i.e., o *stress* de viver numa sociedade heterossexista poderá ser um fator que promove o uso de violência numa relação íntima entre duas mulheres) (Balsam & Szymanski, 2005).

É importante reforçar a associação da discriminação com a vitimização ao longo da vida (e.g., quando uma mulher é vitimizada ao longo da sua vida na relação íntima com uma pessoa do mesmo sexo, poderá confrontar-se com discriminação ao tentar sair da relação ou ao tentar obter ajuda) (Balsam & Szymanski, 2005).

Sucintamente, as vítimas de violência nas relações íntimas poderão estar relutantes em procurar ajuda ou assistência por parte de sistemas legais com receio de serem discriminadas, bem como limitadas nos seus direitos legais, permanecendo assim nessas relações abusivas (Carvalho et al., 2011).

Contrastando, constata-se a existência de evidências empíricas sobre a associação positiva e significativa entre a experiência de discriminação e a perpetração da violência psicológica entre casais do mesmo sexo em jovens LGBT (e.g., Carvalho et al., 2011, Longobardi & Badenes-Ribera, 2017), ressaltando a necessidade de investigar mais sobre esta associação.

Adicionalmente, a investigação científica utiliza um outro conceito para as experiências discriminatórias com base na orientação sexual vivenciadas pelos indivíduos LGB, que é a discriminação homofóbica. Por exemplo, Finneran e Stephenson (2014) constataram que estas estavam significativamente associadas com a perpetração de violência física e sexual, bem como com a vitimização da violência física e sexual, entre homens *gays* e bissexuais.

Uma outra investigação mais recente e utilizando o mesmo conceito de Stephenson e Finneran (2017) constataram uma associação entre a discriminação e o aumento da probabilidade de ser reportada a vitimização de qualquer forma de violência em relações íntimas nos últimos 12 meses entre homens *gays* e bissexuais, após o controlo dos fatores demográficos individuais.

A nível nacional, e segundo Oliveira et al. (2010), constatou-se que os indivíduos LGBT apresentam uma consciência de discriminação não muito elevada, sendo a religião a área mais reportada de vivências discriminatórias. Verifica-se, igualmente, que os indivíduos homossexuais sentem mais discriminação que os indivíduos bissexuais (Oliveira et al., 2010).

A Agência dos Direitos Fundamentais da União Europeia realizou este ano um questionário amplo, que englobou cerca de 140 mil participantes, e sustentou-se em vários tópicos (e.g., experiências de discriminação, assédio ou violência).

Como principais evidências, importa mencionar que 26 % dos participantes já se sentiu discriminado no trabalho e 37 % em outras áreas da sua vida (e.g., serviços de saúde e



educação, restaurantes), sendo que apenas 11 % das situações de discriminação foram reportadas e a maioria dos participantes (61 %) sabe que o seu país sustenta-se na igualdade. Em Portugal, verificou-se que 20 % dos participantes sentiu-se discriminado no trabalho e 40 % sentiu-se discriminado em pelo menos uma área da sua vida.

Em Portugal pretende-se o cumprimento dos planos nacionais para a igualdade de género, cidadania e não discriminação, bem como dos planos nacionais de prevenção e combate à violência doméstica e de género, para tal contacta-se a realização de um trabalho significativo e a realização de diversas ações de sensibilização, bem como de formação, dirigidas aos profissionais cuja sua prática ocorre em esferas fundamentais (e.g., saúde, segurança social) (Moleiro et al., 2016). No entanto, o preconceito, o estigma e a desinformação dirigido aos indivíduos LGBT ainda são uma realidade transversal e profunda na sociedade portuguesa (Moleiro et al., 2016).

Importa reforçar, que a literatura refere a existência de poucas investigações que associem estas vivências stressantes únicas com variáveis relacionais (Balsam & Szymanski, 2005) e com a VRI entre pessoas do mesmo sexo (Edwards & Sylaska, 2013), sendo necessário contribuir para um aumento do seu conhecimento científico.

### **1.2.2 Abertura em relação à orientação sexual**

A abertura em relação à orientação sexual é um termo referido pela literatura internacional como *Outness*, e refere-se ao grau em que os outros (e.g., família, amigos, colegas) estão ocorrente da identidade do indivíduo como pertencente a uma minoria sexual (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017).

Segundo Knoble e Linville (2012), *outness* define-se como sendo uma capacidade desenvolvida pelos indivíduos LGB, uma expressão da identidade e valores, bem como uma estratégia de resiliência, para lidar com a discriminação e *stress* relacionados com a sua orientação sexual, influenciando o indivíduo e relação íntima.

Os indivíduos LGB reforçam, que a abertura em relação à orientação sexual não é assim tão simples quanto uma única autorrevelação da sua orientação sexual (i.e., é um processo contínuo), na qual expressam a sua identidade e valores, gerem as interações sociais, criam e mantem conexões interpessoais, bem como definem barreiras nas suas relações (Knoble & Linville, 2012).

Sucintamente, o grau de *outness* do indivíduo LGB é um constante processo de decisão e é personalizado mediante o balanço entre os benefícios (e.g., validação, visibilidade e suporte social) e os aspetos stressantes (e.g., stress na família e discriminação no local de trabalho), sendo que quando se forma um casal o nível de *outness* individual é influenciado (Knoble & Linville, 2012).

Depende, assim, de fatores sociais contextuais específicos, por exemplo para alguns indivíduos LGB não expor a sua orientação sexual aos amigos, família ou colegas de trabalho, poderá representar uma estratégia de autoproteção contra a ameaça percebida de discriminação ou violência (Balsam & Szymanski, 2005).

A investigação sugere que maior abertura em relação à orientação sexual está associada a níveis mais reduzidos de *stress* psicológico, melhor autoestima e estados emocionais mais positivos (Longobardi & Badenes-Ribera, 2017). Adicionalmente, também constata-se a sua influência na satisfação da relação e no apoio mútuo na relação, aquando do surgimento de stressores associados à orientação sexual (Knoble & Linville, 2012).

Inversamente, quando o indivíduo não expõe a sua orientação sexual reduz a sua visibilidade na relação íntima mantida com alguém do mesmo sexo e a sua exposição a modelos. Percecionando, assim, reduzidas opções disponíveis e, conseqüentemente, é mais tolerável ao abuso por parte do/a companheiro/a (Balsam & Szymanski, 2005).

Importa reforçar, que a investigação sugere que a abertura em relação à orientação sexual pode ter impacto sobre a qualidade e a natureza das relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo e, conseqüentemente, associar-se à violência subjacente às mesmas (Kelly et al., 2014).

Nomeadamente, constata-se nos homens *gays* e mulheres lésbicas uma maior abertura em relação à orientação sexual está associada à vitimização ao longo da vida em relações íntimas abusivas entre pessoas do mesmo sexo, mas não se relaciona com a perpetração de violência (Carvalho et al., 2011).

Os investigadores realizaram a leitura destes resultados especulando que os indivíduos com maior grau de *outness* (i.e., a sua orientação sexual está exposta à um maior período de tempo) estão mais avançados no processo de *coming out*, promovendo um período de tempo mais longo para experienciarem VRI (Carvalho et al., 2011).

Segundo Edwards e Sylaska (2013), o *outness* por parte dos jovens LGB está relacionada de forma significativa e positiva com a perpetração da violência física nas suas relações íntimas,

mas não está associada com a perpetração de violência sexual e psicológica. Adicionalmente, Kelly et al. (2014) constataram que nos homens *gays* e bissexuais, níveis mais reduzidos de *outness* predizia a perpetração de violência física nas suas relações íntimas.

Inversamente, a investigação de Balsam e Szymanski (2005) constatou que a relação entre o grau de *outness* e VRI entre casais constituídos por duas mulheres não era estatisticamente significativa. Adicionalmente, Ristock (2003) verificou que metade das participantes reportou a existência de abuso nas suas primeiras relações íntimas com outra mulher, sendo que a perpetradora tinha um maior grau de *outness*.

Mediante uma perspectiva clínica, verificou-se que os homens *gays* que reportaram ter sido abusivos nas suas relações íntimas apresentavam características negativas referente ao seu *self* devido à sua orientação sexual, expressando não se sentirem bem consigo próprios (Byrne, 1996).

No que concerne à associação entre o grau de abertura em relação à orientação sexual e a violência nas relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo constata-se alguma discordância nas evidências encontradas. Neste sentido, e tendo em conta a reduzida investigação sobre a associação entre ambas, torna-se relevante adicionar este fator de *stress* interiorizado no nosso estudo.

### **1.2.3. Homonegatividade Internalizada**

A homonegatividade internalizada resulta dos fatores externos de *stress* associados à opressão cultural (Balsam & Szymanski, 2005) promovendo no indivíduo LGB sentimentos, atitudes e crenças negativas sobre si mesmo e sobre outros indivíduos *gays*, lésbicas e bissexuais, integrando a sua identidade e sendo reforçada pelas mensagens da sociedade (Balsam, 2001).

Segundo Meyer (2003), a HI representa uma forma de *stress* interna e insidiosa, reforçando que mesmo na ausência da ocorrência de eventos negativos e da ocultação do estatuto minoritário, os homens *gay* e mulheres lésbicas podem prejudicar-se ao direcionarem para si estes valores sociais negativos. Promovendo, assim, a desvalorização do *self* nos indivíduos LGBT, um impacto negativo na sua autoestima e a existência de conflitos internos (Pereira & Leal, 2005).

Pode manifestar-se mediante o ódio à orientação sexual do outro, sustentando-se na crença de se estar doente por ser LGB (Balsam, 2001). Importa reforçar, que esta poderá persistir mesmo após as fases iniciais de revelação da orientação sexual e com a concordância do indivíduo em relação à sua orientação sexual (Balsam, 2001).

Adicionalmente, poderá também manifestar-se como um desconforto referente a outros indivíduos LGB (i.e., especificamente a pessoas que tentam transmitir à sociedade ser heterossexual) e mediante sentimentos de vergonha, bem como de culpa, associados à orientação sexual do outro (Balsam, 2001).

Conseqüentemente, os indivíduos LGB com sentimentos negativos sobre si poderão projetar o seu autoconceito negativo, mediante atos violentos, nas suas relações íntimas com alguém do mesmo sexo (Badenes-Ribera et al., 2019). Referente às vítimas, quando interiorizam estes sentimentos negativos poderão acreditar que merecem este tipo de abuso (Stiles-Shields & Carroll, 2015).

As evidências empíricas de McKenry et al. (2006) não verificou uma relação significativa entre a HI e a perpetração de violência entre casais do mesmo sexo. Segundo Carvalho et al. (2011), também não foram encontradas correlações entre as variáveis, nomeadamente o auto reporte de vitimização e perpetração de violência entre casais do mesmo sexo.

A investigação de Elísio et al. (2018) ao especificar os papéis de perpetrador e de vítima, constataram que a HI é uma das causas de emergência e da manutenção da violência na relação. Nomeadamente, os participantes referiram que possivelmente ao não se aceitar a orientação sexual poderia afetar a autoestima ou favorecer o sentimento de inadequação sexual, sendo que o/a perpetrador/a compensaria a sua frustração mediante a submissão do parceiro (Elísio et al., 2018). Adicionalmente, referem que a HI poderia contribuir para que a vítima legitime a violência (i.e., acreditando que merecem tal devido à sua orientação sexual ou conduta) (Elísio et al., 2018).

Particularizando para casais constituídos por duas mulheres, Balsam e Szymanski (2005) constataram que a HI estava correlacionada de forma positiva com a vitimização da violência física e sexual ao longo da vida, estando também correlacionada com a perpetração de violência no último ano. Também Pepper e Sand (2015), constataram que a mesma estava correlacionada com a perpetração da coerção sexual entre casais de duas mulheres.

Especificando para casais com dois homens, os dados apontam no sentido de a homonegatividade internalizada estar correlacionada positivamente com a perpetração da violência física e psicológica (Bartholomew et al., 2008). Adicionalmente, constatou-se que maiores níveis de HI prediziam maior probabilidade de perpetração de agressão física (Kelley et al., 2014).

Para a população jovem LGB, constatou-se que a HI estava associado significativa e positivamente com a perpetração de violência física e sexual, mas não estava relacionada com a perpetração de violência psicológica (Edwards & Sylaska, 2013). Adicionalmente, Edwards e Sylaska (2013) constataram que também a HI estava correlacionada positivamente com a vitimização da violência psicológica nas relações íntimas entre os jovens LGB.

Sucintamente, a investigação constata associações significativas e positivas entre a homonegatividade internalizada e a perpetração, bem como a vitimização, da violência (i.e., em todas as suas formas, física/sexual e psicológica) em relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo. Contudo, reforça a necessidade de realizar mais investigação sobre as associações entre os fatores de *stress* minoritário e a violência em relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo (Badenes-Ribera et al., 2019).

#### **1.2.4. Autoestima**

A autoestima é um dos conceitos mais estudados na Psicologia (Santos & Maia, 2003), e segundo Rosenberg (1989) a mesma define-se como sendo a orientação positiva ou negativa do indivíduo referente a si mesmo, conceptualizando-se sendo uma das componentes do autoconceito (i.e., conjunto dos pensamentos e sentimentos do indivíduo) (citado por Pechorro et al., 2011).

Segundo Edwards et al. (2015), e mediante a sua revisão crítica de literatura referente à violência nas relações íntimas entre pessoas do mesmo sexo (compreendida entre 1999 e 2013), constatou que reduzida autoestima está correlacionada com a vitimização de violência física, psicológica e sexual.

Nomeadamente, a investigação qualitativa desenvolvida por Andrasik et al. (2013) constatou que um dos motivos que os homens *gays* relatavam referente à sua permanência em relações íntimas abusiva era a reduzida autoestima e existência de sentimentos de inutilidade. Sendo, assim congruente com a investigação quantitativa de Dolezal et al. (2000), que constatou

correlações fortes entre a vivência de abusos sexuais por parte de homens *gays* nas suas relações íntimas com uma reduzida autoestima.

Adicionalmente a investigação de Cruz (2003), e mediante a perspectiva da vítima, procedeu à entrevista de homens *gays*, que no passado estiveram em relações abusivas, e contactou que a reduzida autoestima parece ser um dos fatores contributivos para a existência de comportamentos abusivos em relações íntimas.

Referente à perpetração de VRI, a investigação de Miller et al. (2001) constatou que as mulheres lésbicas com menor autoestima reportaram uma maior utilização de táticas de conflito violento, reforçando que a autoestima estava mais fortemente correlacionada com a agressão física do que violência física.

Verificou-se, assim, que a baixa autoestima é um fator chave para o comportamento abusivo nas relações íntimas, sendo contraditório com a perceção existente sobre os perpetradores (Miller et al., 2001). Frequentemente os indivíduos abusivos são percecionados como tendo uma elevada autoestima, considerando-se superior às vítimas e desvalorizando as mesmas (Miller et al., 2001).

A investigação de McKenry et al. (2006) sustentou-se na perspectiva do desempoderamento (i.e., postula a existência de um conjunto de fatores, tais como características individuais (e.g., autoestima), fatores de família ocorridos na infância (i.e., servindo como modelo de resolução de conflito nas relações adultas e o impacto dos mecanismos de *coping*) e características das relações íntimas (i.e., atributos das relações românticas), que poderá colocar os indivíduos em risco de perpetração da VRI).

Constataram, que os homens *gays* não perpetradores apresentavam níveis significativamente superiores aos perpetradores, contrariamente às mulheres lésbicas na qual a diferença não foi significativa (McKenry et al., 2006). Sucintamente, a reduzida autoestima, os sentimentos de impotência e de desvalorização tornam os indivíduos mais suscetíveis à violência (McKenry et al., 2006).

Uma possível explicação poderá ser o facto de ainda se verificar uma reduzida aceitação da homossexualidade por parte da sociedade, terá impacto sobre a autoimagem do indivíduo e, conseqüentemente, este poderá projetar o seu desconforto por ser *gay*/lésbica no seu companheiro, contribuindo para o comportamento abusivo (Bartholomew et al., 2008).

A investigação empírica aponta para a associação entre esta variável com a homegatividade internalizada, nomeadamente Pepper e Sand (2015) verificaram que a HI estava correlacionada com a experiência geral individual de desajustamento psicológico e com a autoestima negativa, em jovens mulheres lésbicas.

Adicionalmente, Peterson e Gerrity (2006) verificaram a correlação significativa, moderada e negativa entre a HI e autoestima em mulheres lésbicas. Contrastando com a investigação de Herek et al. (1997), que não verificou uma correlação estatisticamente significativa nas mulheres lésbicas, mas para nos homens *gays* os coeficientes de correlação foram significativos (i.e., maiores níveis de HI reportaram menor autoestima).

Neste sentido, será expetável que ao experienciar *stress* minoritário se promova o aumento de violência nas relações íntimas mediante a tensão gerada, a pobre comunicação, a redução da autoestima e a adoção de comportamentos desajustados na relação (Stephenson & Finneran, 2017). Realçando-se, assim, a necessidade de uma maior produção empírica referente às associações entre a autoestima, a homonegatividade internalizada e a VN entre casais do mesmo sexo.

### **1.3. Impactos da violência nas relações de namoro entre pessoas do mesmo sexo**

A violência no namoro promove impactos significativos, tanto a curto como a longo prazo, na saúde física e mental dos indivíduos, incluindo abuso de álcool e/ou drogas, baixa performance académica, pobre ajustamento psicossocial (i.e., maior frequência de sintomas depressivos, tais como ansiedade, raiva, hostilidade), disfunções do comportamento alimentar, *stress* pós-traumático, perturbações emocionais, comportamento sexuais de risco, reduzida satisfação e qualidade da relação (e.g., Dank et al., 2014; McKenry et al., 2006; Gillum, 2017).

Contudo, o impacto deste fenómeno nas vítimas não pode ser visto como um processo linear, uma vez que depende de vários fatores promotores do agravamento ou atenuação dos seus efeitos (Caridade & Machado, 2006). Importa realçar, que a mesma linha de raciocínio se aplica aos perpetradores, que experienciarão igualmente os impactos da VN.

Os jovens deparar-se-ão com diversos cenários relacionais inesperados, que por vezes poderão ser sustentados em comportamento violentos e/ou outras formas de coerção, e poderão adotar uma postura de legitimação, percecionando essas práticas como manifestações de amor e/ou ciúme (Caridade & Machado, 2006).

Neste sentido, é fundamental continuar a investigar o impacto da VN, tanto em vítimas como agressores, refutando os argumentos culturais que ainda sustentam o fenômeno e promovendo o delineamento de ações preventivas direcionadas aos jovens, permitindo aos mesmos identificar como sendo abusivo algumas condutas em contexto relacional (Caridade & Machado, 2006).

### **1.3.1. Satisfação na relação**

Constata-se na literatura o crescente reconhecimento da VN como um problema social, identifica-se as duas consequências mais reportadas pela literatura, que são o seu impacto na satisfação da relação e na saúde mental, na vítima (Kaura & Lohman, 2007).

Segundo Rusbult et al. (1998), a satisfação do indivíduo na relação íntima define-se como a extensão que o/a seu/sua companheiro/a corresponde e satisfaz as suas necessidades mais importantes, sentindo-se positivo/a referente à sua relação e companheiro/a.

A literatura até então tem-se focado na compreensão dos fatores explicativos da variabilidade da satisfação na relação entre pessoas do mesmo sexo, verificando-se a identificação dos seus fatores preditivos organizados em três categorias a) fatores individuais (e.g., identidade sexual, funcionamento psicológico), b) fatores do casal (e.g., comunicação, conflito) e c) fatores externos (e.g., *stress* minoritário, suporte social) (Lavner, 2017).

Segundo o estudo longitudinal de Balsam et al. (2008), constatou-se que o conflito é um forte preditor da qualidade da relação entre pessoas do mesmo sexo, sendo que os casais do mesmo sexo com uma maior frequência de conflitos nas várias áreas da sua vida (e.g., vida social, trabalho) reportaram menores níveis de qualidade da relação três anos mais tarde.

Ademais, Cramer (2003) constatou que a satisfação na relação estava fortemente relacionada com conflitos existentes em contexto de relação romântica, embora esta associação direta não fosse significativa. Verificou-se, igualmente, que compreensão e aceitação do companheiro poderá aumentar a satisfação na relação, ao invés do focar em estratégias de redução do conflito negativo (Cramer, 2003).

A literatura refere que a vitimização da VN está significativamente associada à satisfação da relação, ou seja, níveis mais elevados de violência no namoro relacionam-se com menor satisfação da vítima com a sua relação e perpetradores (Kaura & Lohman, 2007).



Segundo Kaura e Lohman (2007), a vitimização da VN esta significativamente associada à satisfação na relação, bem como aos problemas de saúde mental, tanto nos homens como nas mulheres. Especificamente, constatou-se nos homens que aceitar a violência no namoro moderava a relação entre a vitimização e os problemas de saúde mental (e.g., depressão, ansiedade e somatização), no caso das mulheres ao aceitarem este tipo de abuso moderam apenas a relação entre a vitimização e a satisfação na relação (Kaura & Lohman, 2007).

Ademais, a investigação de Antonelli et al. (2014) verificaram em Itália, que os casais do mesmo sexo apresentavam uma maior satisfação na relação (i.e., qualidade de tempo conjunto em lazer, satisfação sexual e comunicação afetiva) comparativamente aos casais de sexo diferente. Constatou-se, igualmente, que as mulheres lésbicas apresentavam maiores níveis de satisfação, excedendo no reporte de intimidade emocional e comportamental, comparativamente aos homens *gays* e homens heterossexuais.

Segundo McKenry et al. (2006), constatou nos homens *gays* e mulheres lésbicas, que os indivíduos perpetradores apresentavam menores níveis de satisfação comparativamente aos não perpetradores, contudo esta diferença não foi estatisticamente significativa. Neste sentido, e ressaltando a carência de investigação específica à comunidade LGB, torna-se pertinente averiguar a associação entre a satisfação na relação e a violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo (i.e., frequência de perpetração e vitimização).

#### **1.4. Problema e Objetivos**

Nas últimas décadas contata-se uma crescente compreensão referente à VRI, tendo sido publicados cerca de 14 200 estudos nos últimos 15 anos (Edwards et al., 2015). Adicionalmente, a investigação científica começou progressivamente a reconhecer a importância de estudar o fenómeno entre casais do mesmo sexo, contudo apenas 3 % das investigações focaram-se especificamente na população LGB (Edwards et al., 2015).

Neste sentido, e conjugando com a prevalência do fenómeno entre casais do mesmo sexo, salienta-se a importância de investigação adicional sobre o mesmo tendo em conta o quadro conceptual de Meyer (2003) (i.e., averiguar como se pode relacionar VN e os fatores de abertura em relação à orientação sexual, a discriminação percebida e a homonegatividade internalizada), bem como investigar a relação com a satisfação na relação. Nesta sequência, definimos os seguintes objetivos de estudo:

- Caracterizar a prevalência da VN em casais do mesmo sexo (i.e., frequência de vitimização e/ou perpetração nas relações de namoro entre pessoas do mesmo sexo);
- Explorar a relação entre os fatores abertura em relação à orientação sexual, a discriminação percebida e a HI, definidos por Meyer (2003) no quadro conceptual *Stress Minoritário*, com a VN entre pessoas do mesmo sexo (i.e., frequência de vitimização e/ou perpetração);
- Explorar a relação da autoestima com a VN entre pessoas do mesmo sexo, especificamente o seu papel mediador na relação entre a violência no namoro e a HI;
- Averiguar a associação entre violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo e a satisfação na relação.

Por conseguinte, teorizamos as seguintes questões e hipóteses de investigação:

De que forma a discriminação percebida se relaciona com a violência no namoro entre casais do mesmo sexo (i.e., frequência de vitimização e/ou perpetração)?

H1: Participantes que percecionem mais discriminação vão reportar níveis mais elevados de vitimização e perpetração na violência no namoro comparativamente aos participantes com menor percepção de discriminação.

De que forma a abertura em relação à orientação sexual se relaciona com a violência no namoro entre casais do mesmo sexo (i.e., frequência de vitimização e/ou perpetração)?

H2: Participantes com menor abertura à orientação sexual vão reportar níveis mais elevados de vitimização e perpetração de violência no namoro comparativamente aos participantes com maior abertura.

Será que a homonegatividade internalizada se relaciona com a violência no namoro entre casais do mesmo sexo (i.e., frequência de vitimização e/ou perpetração)?

H3: Participantes em relações de namoro com pessoas do mesmo sexo que reportem níveis mais elevados de homonegatividade internalizada vão apresentar níveis elevados de vitimização e perpetração de violência no namoro comparativamente aos indivíduos que reportem níveis reduzidos de homonegatividade internalizada.

Será que a autoestima se associa com a homofobia internalizada e a violência no namoro entre casais do mesmo sexo (i.e., frequência de vitimização e/ou perpetração)?

H4: Participantes com níveis mais elevados de homonegatividade internalizada vão apresentar valores mais reduzidos de autoestima e, por conseguinte, reportar maiores níveis de perpetração e vitimização de violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo.

Será que a violência entre pessoas do mesmo sexo (i.e., frequência de vitimização e/ou perpetração) se relaciona com a satisfação na relação?

H5: Participantes que reportem níveis mais elevados de vitimização e perpetração de violência no namoro vão apresentar níveis mais reduzidos de satisfação na mesma comparativamente com os participantes com menores níveis de vitimização e perpetração na relação.



## Capítulo II - Método

### 2.1. Amostra

A nossa investigação foi de natureza quantitativa e descritivo-correlacional, uma vez que pretendemos explorar as relações e associações entre as várias variáveis definidas, e utilizamos uma amostra de conveniência, obtida através da partilha do questionário *online*, assim como por bola-de-neve.

Definiu-se como critérios de inclusão a) ter estado ou estar numa relação de namoro com uma pessoa do mesmo sexo e b) ter mais de 18 anos. Foram considerados como critérios de exclusão: a) orientação sexual heterossexual e b) atual estado relacional é não estar ou não esteve em nenhuma relação de namoro com uma pessoa do mesmo sexo.

Recolhemos 293 respostas ao questionário e para o propósito das análises a realizar procedemos à exclusão de 64 participantes devido a) ao não preenchimento mínimo de 50 % do questionário e b) terem idade superior aos 40 anos. Neste sentido, a amostra foi constituída por 229 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 40 anos ( $M = 26.48$ ,  $DP = 4.84$ ). A maioria identificou-se como sendo do sexo feminino ( $M = 72.05$  %).

Relativamente à orientação sexual, 45.85 % identificou-se como sendo mulher lésbica, 25.33 % como homem *gay*, 22.27 % como bissexual e 6.11 % da amostra respondeu com Outro nesta questão, constando-se que uma das respostas mais utilizadas foi Pansexual (3.50 %).

Verificou-se a nível da situação profissional que 56.33 % da amostra estava empregada e a referente ao agregado familiar 40.17 % vivia com pais/familiares e 36.24 % partilhava casa com um/a companheiro/a. Especificando a situação relacional, 51.97 % estava numa relação de namoro com alguém do mesmo sexo, ressalvando que já tinha estado no passado também, e 28.82 % estava solteiro, mas já tinha estado numa relação de namoro com alguém do mesmo sexo (ver Quadro 1).

Quadro 1.

*Dados sociodemográficos da amostra*

Idade	Mínimo		18
	Máximo		40
	Média		26.48
	DP		4.84
		n	%
Sexo (atribuído à nascença)	Feminino	165	72.05
	Masculino	64	27.95
Orientação sexual	Gay	58	25.33
	Lésbica	105	45.85
	Bissexual	51	22.27
	Prefiro não dizer	1	0.44
	Outro	14	6.11
Habilitações Literárias	9.º Ano	6	2.62
	12.º Ano	64	27.95
	Licenciatura	99	43.23
	Mestrado	56	24.45
	Doutoramento	4	1.75
Atual situação profissional	Trabalhador/a estudante	25	10.92
	Empregado/a	129	56.33
	Desempregado/a	23	10.04
	Estudante	52	22.71
Agregado familiar	Vive sozinho/a	23	10.05
	Vive com os pais/familiares	92	40.17
	Partilha casa com outros/as	31	13.54
	Partilha casa com companheiro/a	83	36.24

Situação Relacional	Primeira vez a namorar com alguém do mesmo sexo	40	17.47
	Não está, mas já estive, num namoro com uma pessoa do mesmo sexo	66	28.82
	Está, e estive no passado, num namoro com uma pessoa do mesmo sexo	119	51.97
	Nenhuma das opções selecionadas	4	1.74

---

## 2.2. Instrumentos

### *Questionário Sociodemográfico*

Para caracterizar a nossa população alvo foi construído um questionário sociodemográfico, sendo constituído por 8 questões, nomeadamente a idade, o sexo (atribuído à nascença), orientação sexual (i.e., contemplando as opções de heterossexual, lésbica, gay, bissexual, prefiro não dizer, outro), habilitações Literárias (grau mais alto completado), atual situação profissional e o agregado familiar.

Pretendemos, igualmente, averiguar qual o estado relacional do participante (i.e., se estava pela primeira vez numa relação, se estava solteiro/a mas já estive numa relação anteriormente, ou se estava atualmente numa relação e já tinha estado no passado), reforçando que o enfoque foi sempre na relação íntima do presente. Adicionalmente, questionou-se sobre a duração da relação anterior ou presente.

### *Violência nas Relações de Namoro*

A violência no namoro foi avaliada mediante o *Inventário de Violência Conjugal – IVC - 3* (Machado et al., 2006). Este inventário permite avaliar a prevalência dos comportamentos de violência (i.e., perpetração e vitimização) por parte dos parceiros íntimos, bem como a sua frequência (i.e., nunca, uma única vez, mais do que uma vez), compreendendo comportamentos abusivos de cariz físico, emocional e de intimidação/coercivo.

Originalmente o inventário encontra-se dividido em: parte A – especifica o último ano da atual relação íntima do participante e parte B – particulariza para as anteriores relações íntimas, sendo enunciada cada umas destas como a) adotei tal comportamento e b) o(a) parceiro(a) adotou tal comportamento. Importa realçar, que adaptámos o inventário mediante o atual estado relacional do/a participante e neste sentido agrupámos para a perpetuação e para a vitimização, e em ambas especificando para a relação presente ou passada.

A escala é constituída por 21 itens. Para a nossa investigação e tendo em conta a amostra pretendida (i.e., jovens adultos LGBT) procedemos a uma adaptação ao nível da linguagem promovendo, assim, uma melhor compreensão para os participantes. O inventário em questão é de cariz comportamental, portanto a análise do mesmo ocorreu mediante a frequência da adoção dos comportamentos apresentados. A cotação foi o somatório dos 21 itens, variando a sua pontuação entre 0 e 42, permitindo assim medir a gravidade e frequência de vitimização, bem como de perpetuação, entre nada/baixa e alta.

Reforçando, que para o propósito de análise de dados considerou-se como vítima quem foi alvo de pelo menos um destes comportamentos e como perpetrador quem adotou pelo menos um dos comportamentos listados.

Como considerações éticas, importa mencionar que aquando da aplicação do questionário utilizámos conceitos com uma menor conotação negativa (e.g., “adotar” em vez de “ter” comportamentos abusivos) e tivemos cuidado na ordem em que surgiram as perguntas (i.e., primeiramente, apresentamos a escala da violência na perspectiva de vítima e depois de perpetrador, e seguidamente as restantes questões). Assegurando, assim, enquanto investigadores o bem-estar do participante aquando da recordação de uma possível experiência traumática e/ou dolorosa.

### *Homonegatividade Internalizada*

A HI foi avaliada com a aplicação da *Internalized Homophobia Scale* (Ross & Rosser, 1996) traduzida e adaptada por Pereira e Leal (2005) à população portuguesa de homens gays, apresentando uma boa validade interna ( $\alpha = .74$ ). Posteriormente, foi generalizada à população portuguesa de homens e mulheres bissexuais, mulheres lésbicas e homens *gays* por Costa, Pereira e Leal (2013).



A escala é constituída por 27 itens avaliando três dimensões: (1) Identificação Pública (e.g., “Sinto-me confortável em bares lésbico ou gay”); (2) Percepção Interna do Estigma (e.g., “Preferia ser mais heterossexual”); e (3) Percepção de Opressão Social (e.g., “É importante para mim controlar quem sabe da minha homossexualidade”).

A escala tipo *Likert* de 5 pontos varia entre 1 (Discordo totalmente) a 5 (Concordo totalmente), sendo que procedemos à reversão de alguns dos itens. Valores mais elevados nas dimensões de identificação pública e percepção interna, revelam maior homonegatividade. Contudo valores mais elevados na percepção de opressão social não revela necessariamente maior HI, mas poderá refletir a crescente visibilidade social dos indivíduos LGB.

Na nossa investigação, a sua cotação foi realizada mediante a média dos seus itens e apresentou uma consistência interna adequada ( $\alpha = .74$ ), sendo que as subescalas obtiveram igualmente uma consistência interna adequada (Kline, 2011) (ver Quadro 2).

Quadro 2.

*Consistência Interna e Inter-Correlações de Pearson para a escala de Homofobia Internalizada*

	1	2	3	Total
1. Identificação Pública	$\alpha = 0.64$	0.40**	0.11	0.80**
2. Percepção Interna de Estigma		$\alpha = 0.61$	0.28**	0.80**
3. Percepção de Opressão Social			$\alpha = 0.55$	0.51**
Total				$\alpha = 0.74$

\*\*  $p < .01$

*Abertura em relação à Orientação Sexual*

Para avaliar o grau em que os participantes são abertos referente à sua orientação sexual foi aplicado o *Inventário de Abertura* (Mohr, 2005).

Mohr (2005) refere que o inventário pode especificar distintos graus de *outness*, sendo possível discernir o grau em que os indivíduos estão assumidos perante figuras específicas na sua vida (e.g., mãe); o grau em que estão assumidos em três domínios específicos da sua vida (i.e., religião, dia-a-dia, família); reforçando ainda que o questionário pode servir como índice do grau de *outness* a nível global (citado por Oliveira et al., 2010).

O inventário é constituído por 9 itens que se referem a cada figura/grupo de vida do/a participante, sendo a escala de resposta do tipo *Likert* variando de 1 (“a pessoa definitivamente não sabe da minha orientação sexual”) a 7 (“a pessoa definitivamente sabe da minha orientação sexual e o assunto é discutido abertamente”). Engloba igualmente a opção “não se aplica à minha vida, não existe esta pessoa/grupo na minha vida”, cotada com 0, de caso a situação não se aplique à pessoa. Ademais, a sua cotação foi realizada mediante a média dos itens presentes na escala e revelou uma boa consistência interna ( $\alpha = 0.75$ ) (Kline, 2011).

### *Autoestima*

Para avaliar a autoestima foi utilizada a *Rosenberg Self-Esteem Scale* (Rosenberg, 1965), traduzida, validada e adaptada à população portuguesa adolescente geral (Pechorro, Marôco, Poiães & Vieira, 2011) demonstrando boa consistência interna ( $\alpha_{\text{Amostra Total}} = .79$ ).

Esta escala é uma medida reduzida que avalia a autoestima tanto em adultos como adolescentes, sendo constituída por 10 itens e com uma escala de resposta do tipo *Likert* de 4 pontos (i.e., 0 - Discordo fortemente, 1 - Discordo, 2 - Concordo, 3 - Concordo fortemente). A pontuação varia entre 10 a 40, sendo que uma pontuação entre 10 e 27 remete para uma reduzida autoestima, uma pontuação entre 28 e 31 significa que o participante apresenta uma autoestima média e valores superiores a 32 revelam uma elevada autoestima.

É de reforçar, que para reduzir problemas e a possibilidade de enviesamento nas respostas dos participantes a escala formula metade dos itens na positiva e os restantes na negativa, sendo que alguns dos itens (i.e., item 2, 5, 6, 8 e 9) são cotados inversamente (e.g., “Por vezes penso que não presto”, “Por vezes sinto que sou um inútil”). Na nossa investigação, a escala apresentou uma consistência interna de .90, que segundo Kline (2011) é excelente.

### *Satisfação na Relação*

Para avaliar a satisfação na relação foi utilizada a *Relationship Assessment Scale* (Hendrick, et al., 1998), cuja versão portuguesa foi desenvolvida pelos/as investigadores/as Santos, Feijão e Mesquita (2000) (citado por Moreira et al., 2006). A investigação desenvolvida por Moreira et al. (2006) utilizou a escala numa amostra portuguesa apresentando boas qualidades psicométricas ( $\alpha_{\text{Homens}} = .91$ ;  $\alpha_{\text{Mulheres}} = .93$ ).

A escala é uma medida genérica para a satisfação das relações íntimas, sendo constituída por 7 itens (e.g., “De um modo geral, até que ponto está satisfeito/a com a sua relação?”; “Com que frequência deseja não se ter envolvido nesta relação?”) e a sua escala de resposta tipo *Likert* de 5 pontos vai alterando mediante o conteúdo do item (e.g., “Muito Insatisfeito/a” a “Muito Satisfeito/a”; “Nunca” a “Sempre”). Os itens 4 e 7 encontra-se cotados inversamente (e.g. “Com que frequência deseja não se ter envolvido nesta relação?”, “Quantos problemas existem na sua relação?”).

Para a nossa investigação, procedemos à cotação da escala pelo somatório dos itens e constatámos que a consistência interna apresentou bons valores ( $\alpha_{\text{PrimeiraRelação}} = .75$ ;  $\alpha_{\text{RelaçãoPassada}} = .79$ ,  $\alpha_{\text{RelaçãoAtual}} = .85$ ) (Kline, 2011).

### *Discriminação Percecionada*

Para medir a discriminação experienciada pela população portuguesa LGB em contextos específicos (i.e., família, trabalho, percurso académico, amigos/as) elaborou-se uma questão que foi adaptada da *Escala de Discriminação Pessoal* utilizada por Oliveira, Pereira, Costa e Nogueira (2010). A questão admite uma escala de resposta tipo *Likert* de 5 pontos (i.e., Nenhuma discriminação a Muita discriminação).

A escala original admite um conjunto de variáveis promotoras de averiguação da discriminação pessoal reportada pelos participantes nas várias instituições (e.g., religião, família, local de trabalho, saúde, bancos, amigos), sendo que para a nossa investigação adaptamos a mesma reduzindo as esferas sociais questionadas (i.e., questionamos referente ao trabalho, família, percurso académico, amigos/as). Especificando a nossa investigação, a cotação da escala foi realizada mediante a média dos seus itens e apresentou uma consistência interna adequada ( $\alpha = 0.61$ ) (Kline, 2011).

### 2.3. Procedimento

O questionário foi desenvolvido no software *Qualtrics* e foi garantido o anonimato e a confidencialidade, bem como informando os/as participantes que em caso de desconforto podiam não responder a todas as questões.

Após a finalização da elaboração do questionário na plataforma *Qualtrics*, procedemos à recolha dos dados via *online* distribuindo o mesmo mediante as redes sociais. Procedeu-se à utilização de redes de partilha informal (i.e., redes sociais, blogs) e solicitou-se a colaboração de várias organizações (e.g., ILGA Portugal, Rede Ex Aequo) para aceder a um maior número de participantes que reúnam os critérios de inclusão.

Em primeiro lugar, foi apresentado o consentimento informado (Anexo A) que realçava o cariz voluntário da participação e o anonimato das respostas, sendo que os/as participantes foram informados sobre a finalidade dos dados.

Após o consentimento informado os/as participantes preencheram a segunda parte do questionário que remetia para questões sociodemográficas. Subsequentemente, foi apresentada a escala de avaliação da satisfação na relação (i.e., *Relationship Assessment Scale*; Hendrick et al., 1998) e o inventário de violência no namoro (*Inventário de Violência Conjugal*; Machado et al., 2006). Posteriormente, as escalas de discriminação, autoestima, abertura em relação à orientação sexual e homonegatividade internalizada foram apresentadas de forma aleatória. O questionário finalizou com uma questão da exposição prévia à violência.

Finalizado o questionário, foi apresentada uma mensagem de agradecimento pela participação no estudo e reforçou-se os contactos dos/as investigadores/as, sendo também disponibilizados os contactos de várias instituições acessíveis à comunidade para responder a algum tipo de ajuda ou questão sensível que surgisse após a conclusão do preenchimento do questionário. Procedeu-se, por fim, à análise dos resultados mediante o software IBM SPSS *Statistics 25*.

## Capítulo III – Resultados

### 3.1. Caracterização da violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo

Respondendo ao nosso objetivo de investigação referente à caracterização e prevalência da violência no namoro em casais do mesmo sexo (i.e., frequência de vitimização e/ou perpetração nas relações íntimas de namoro entre pessoas do mesmo sexo), procedemos à junção dos participantes que a) no momento da sua participação estavam pela primeira vez numa relação com uma pessoa do mesmo sexo e b) já tinham estado em relações anteriormente, não estando no momento da participação.

Por conseguinte, constatamos o reporte dos seguintes comportamentos de que foram alvo: Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (ex. gozar a aparência da pessoa, enfurecer propositadamente, em privado e/ou público, incluindo redes sociais) (11.79 %), Gritar ou ameaçar, para meter medo (9.17 %), Impedir ou controlar o contacto com outras pessoas (ex. amigos/as, família, revistar o telemóvel e/ou redes sociais, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la/o de sair de casa) (8.30 %) e Dar uma bofetada (6.55 %).

Destacam-se como comportamentos mais perpetrados Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (ex. gozar a aparência da pessoa, enfurecer propositadamente, em privado e/ou público, incluindo redes sociais) (4.81 %), Gritar ou ameaçar, para meter medo (3.93 %), Dar uma bofetada (3.49 %) e Impedir ou controlar o contacto com outras pessoas (ex. amigos/as, família, revistar o telemóvel e/ou redes sociais, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la/o de sair de casa) (3.06 %) (ver Quadro 3).

Quadro 3.

*Prevalência de comportamento abusivos nas relações de namoro entre pessoas do mesmo sexo, referente aos os participantes que estão pela 1ª vez numa relação ou que já estiveram no passado*

Comportamentos Abusivos	Vitimizados		Perpetrados	
	%	n	%	n
1. Puxar os cabelos com força	1.75	4	0.44	1
2. Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (ex. gozar a aparência da pessoa, enfurecer propositadamente, em privado e/ou público, incluindo redes sociais)	11.79	27	4.81	11
3. Dar uma bofetada	6.55	15	3.49	8
4. Apertar o pescoço	1.75	4	0.00	0
5. Ameaçar com armas ou usando força física	3.06	7	0.44	1
6. Partir ou danificar coisas intencionalmente (ex. objetos pessoais como o telemóvel, computador, roupa) para meter medo	3.93	9	1.75	4
7. Acordar a meio da noite, para causar medo (ex. presencialmente ou por comunicação à distância)	2.19	5	0.00	0
8. Dar um murro	1.31	3	0.00	0
9. Impedir ou controlar o contacto com outras pessoas (ex. amigos/as, família, revistar o telemóvel e/ou redes sociais, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la/o de sair de casa)	8.30	19	3.06	7
10. Atirar objetos à outra pessoa	3.93	9	1.31	3
11. Dar uma sova	1.31	3	0.00	0
12. Dar pontapés ou cabeçadas	1.31	3	0.44	1
13. Dar empurrões violentos	3.93	9	2.19	5

14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo (ex. vigiar atividades em privado e/ou em público sem consentimento)	3.49	8	0.00	0
15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão	0.00	0	0.00	0
16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica	1.75	4	0.87	2
17. Causar ferimentos que precisaram de assistência médica (ex. cortes, fraturas)	0.44	1	0.00	0
18. Forçar a pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade, com ou sem uso de força física	4.37	10	0.00	0
19. Ficar com o salário/mesada da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas quotidianas	0.88	2	0.44	1
20. Gritar ou ameaçar, para meter medo	9.17	21	3.93	9
21. Ameaçar revelar, ou revelar efetivamente, a orientação sexual contra a vontade da própria pessoa (ex. na família, no trabalho, no local de estudo)	3.06	7	0.88	2

Para os/as participantes que se encontravam numa relação com uma pessoa do mesmo sexo no momento da participação, e que já tinham tido relações previamente, destacam-se como comportamentos de que foram alvo: Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (ex. gozar a aparência da pessoa, enfurecer propositadamente, em privado e/ou público, incluindo redes sociais) (2.62 %), Impedir ou controlar o contacto com outras pessoas (ex. amigos/as, família, revistar o telemóvel e/ou redes sociais, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la/o de sair de casa) (2.62 %) e Gritar ou ameaçar, para meter medo (2.19 %), na relação presente (ver Quadro 4).

Ademais, na relação passada constata-se os seguintes comportamentos de que foram alvo: Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (ex. gozar a aparência da pessoa, enfurecer propositadamente, em privado e/ou público, incluindo redes sociais) (16.15 %), Impedir ou controlar o contacto com outras pessoas (ex. amigos/as, família, revistar o telemóvel e/ou redes sociais, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la/o de sair de casa) (16.15 %), Gritar ou ameaçar, para meter medo (13.10 %), Dar uma bofetada (9.60 %),

Dar empurrões violentos (7.43 %) e Ameaçar revelar, ou revelar efetivamente, a orientação sexual contra a vontade da própria pessoa (ex. na família, no trabalho, no local de estudo) (6.99 %) (Ver Quadro 4).

Referente à perpetração de comportamentos abusivos, destacam-se: Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (ex. gozar a aparência da pessoa, enfurecer propositadamente, em privado e/ou público, incluindo redes sociais) (1.75 %) e Impedir ou controlar o contacto com outras pessoas (ex. amigos/as, família, revistar o telemóvel e/ou redes sociais, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la/o de sair de casa) (1.75 %), na relação presente; e Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (ex. gozar a aparência da pessoa, enfurecer propositadamente, em privado e/ou público, incluindo redes sociais) (4.81 %), Gritar ou ameaçar, para meter medo (4.37 %) e Atirar objetos à outra pessoa (3.06 %), na relação passada.

Importa mencionar, que referente a ameaça de *outing* (i.e., ameaçar revelar, ou revelar efetivamente, a orientação sexual contra a vontade da própria pessoa), apenas 0.88 % dos participantes reportou ter adotado este comportamento e 10.05 % reportou ter sido alvo do mesmo.

#### Quadro 4.

*Prevalência de comportamentos abusivos nas relações de namoro passadas e a decorrer, aquando da aplicação do questionário, entre pessoas do mesmo sexo*

Comportamentos Abusivos	Relação Presente				Relação Passada			
	Vitimizados		Perpetrados		Vitimizados		Perpetrados	
	%	n	%	n	%	n	%	n
1. Puxar os cabelos com força	0.44	1	0.44	1	3.05	7	0.44	1
2. Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para humilhar ou ferir (ex. gozar a aparência da pessoa, enfurecer	2.62	6	1.75	4	16.15	37	4.81	11



propositadamente, em privado  
e/ou público, incluindo redes  
sociais)

3. Dar uma bofetada	1.31	3	0.88	2	9.60	22	2.19	5
4. Apertar o pescoço	0.44	1	0.00	0	1.75	4	1.31	3
5. Ameaçar com armas ou usando força física	0.00	0	0.00	0	4.80	11	0.44	1
6. Partir ou danificar coisas intencionalmente (ex. objetos pessoais como o telemóvel, computador, roupa) para meter medo	0.87	2	0.88	2	4.80	11	1.31	3
7. Acordar a meio da noite, para causar medo (ex. presencialmente ou por comunicação à distância)	0.00	0	0.00	0	3.50	8	0.00	0
8. Dar um murro	0.00	0	0.00	0	1.31	3	0.00	0
9. Impedir ou controlar o contacto com outras pessoas (ex. amigos/as, família, revistar o telemóvel e/ou redes sociais, obrigar a pessoa a deixar de trabalhar/estudar, impedi-la/o de sair de casa)	2.62	6	1.75	4	16.15	37	2.18	5
10. Atirar objetos à outra pessoa	0.00	0	0.00	0	4.80	11	3.06	7
11. Dar uma sova	0.44	1	0.00	0	0.44	1	0.44	1
12. Dar pontapés ou cabeçadas	0.00	0	0.00	0	0.87	2	0.44	1
13. Dar empurrões violentos	0.44	1	0.87	2	7.43	17	2.62	6
14. Perseguir na rua, no emprego ou no local de estudo, para causar medo (ex. vigiar atividades em privado e/ou em público sem consentimento)	0.44	1	0.00	0	5.24	12	0.00	0

15. Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão	0.44	1	0.00	0	0.44	1	0.44	1
16. Causar ferimentos que não precisaram de assistência médica	0.44	1	0.00	0	2.19	5	0.44	1
17. Causar ferimentos que precisaram de assistência médica (ex. cortes, fraturas)	0.00	0	0.0%	0	0.00	0	0.00	0
18. Forçar a pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade, com ou sem uso de força física	0.00	0	0.00	0	6.11	14	0.00	0
19. Ficar com o salário/mesada da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas cotidianas	0.44	1	0.00	0	1.31	3	0.00	0
20. Gritar ou ameaçar, para meter medo	2.19	5	0.88	2	13.10	30	4.37	10
21. Ameaçar revelar, ou revelar efetivamente, a orientação sexual contra a vontade da própria pessoa (ex. na família, no trabalho, no local de estudo)	0.00	0	0.00	0	6.99	16	0.0%	0

Posteriormente, averiguamos a percentagem de participantes que foram alvo e que adotaram comportamentos abusivos nas suas relações de namoro com uma pessoa do mesmo sexo (ver Quadro 5). Importa reforçar, que consideramos uma relação para cada participante (i.e., participantes que estão numa relação presente e já estiveram no passado, foi dada prevalência à relação atual, e para os participantes que estiverem numa relação no passado ou estão no presente, foi considerada essa relação).

## Quadro 5.

*Participantes que foram alvo e que adotaram comportamentos abusivos nas relação de namoro entre pessoas do mesmo sexo atendendo ao estado relacional*

	Vitimização		Perpetração	
	%	n	%	n
Uma relação	44.10	101	43.23	99
Relação Presente	8.30	19	4.37	10
Relação Passada	20.09	46	10.48	24
Global	72.49	166	58.08	133

Verificámos que 72.49 % da nossa amostra reportou ter sido pelo menos uma vez alvo de algum comportamento abusivo e 58.08 % reportou ter adotado pelo menos uma vez um comportamento abusivo na relação. Adicionalmente, constatámos que os valores referente à gravidade e frequência dos comportamentos abusivos variaram entre 0 e 27 ( $M = 3.08$ ,  $DP = 4.53$ ) para os participantes que foram alvo de pelo menos um dos comportamentos listados no IVC3, e uma variação entre 0 a 11 ( $M = 1.20$ ,  $DP = 2.06$ ) para os participantes que adotaram pelo menos uma vez um dos comportamentos abusivos, refletindo assim uma gravidade e frequência reduzida em ambos.

### 3.2. Fatores associados à violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo

A nossa investigação também apresentou como objetivo explorar a relação entre os fatores abertura em relação à orientação sexual, discriminação percecionada e a HI (bem como as suas subescalas identificação pública, perceção interna de estigma e perceção de opressão social) com a violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo.

Constatámos, que a discriminação percecionada apresentou uma média 2.05 ( $DP = 0.83$ ) de 0 a 5, sendo que a nossa amostra percecionou níveis de discriminação mais elevados na sua família ( $M = 2.82$ ,  $DP = 1.44$ ) e entre amigos/as os valores foram os mais reduzidos ( $M = 1.56$ ,  $DP = 0.87$ ).

Referente à abertura da orientação sexual, foi verificada uma média global 5.74 ( $DP = 1.12$ ) de 1 a 7, no entanto os/as estranhos/as, chefes de trabalho e família alargada, constituem esferas

sociais que em média é provável saberem da orientação sexual do/a participante, mas nunca é discutido.

Relativamente à homonegatividade internalizada, a amostra apresentou uma média global 2.21 ( $DP = 0.41$ ) de 1 a 5, na dimensão da Identificação Pública foi 1.65 ( $DP = 0.42$ ), na dimensão da Perceção Interna de Estigma foi de 2.31 ( $DP = 0.77$ ) e na dimensão da Perceção de Opressão Social foi de 3.73 ( $DP = 0.70$ ).

Neste sentido, e atendendo ao nosso objetivo em prever uma única variável dependente contínua (i.e., a violência no namoro) mediante um conjunto de variáveis independentes, verificámos a correlação bivariada entre as variáveis e, posteriormente, procedemos à aplicação do teste de regressão múltipla.

Importa reforçar, que previamente à aplicação dos testes, verificou-se os pressupostos de normalidade, a normalidade dos resíduos no histograma, bem como no *P-P Plot*, e a homogeneidade de variâncias dos erros no *Scatterplot*.

Para a vitimização global, verificámos uma correlação reduzida e positiva com a discriminação ( $r = 0.20, p < .05$ ), bem como uma correlação reduzida e negativa com a subescala da HI, a identificação pública ( $r = -0.20, p < .05$ ). Relativamente à perpetração global, constatou-se que estava correlacionada positivamente com a discriminação ( $r = 0.26, p < .001$ ), bem como se correlacionava com a subescala da HI, a perceção interna do estigma ( $r = 0.23, p < .05$ ) (ver Quadro 6).

Quadro 6.

*Correlações de Pearson entre as variáveis*

	2	3	4	5	6	7
1. Vitimização Global	0.20*	0.03	- 0.20*	0.03	0.08	0.54**
2. Discriminação		- 0.19**	- 0.00	0.25**	0.24**	0.26**
3. Abertura em relação à orientação sexual			- 0.41**	- 0.34**	- 0.24**	- 0.11

4. Identificação Pública	0.40**	0.11	- 0.03
5. Percepção Interna de Estigma		0.28**	0.23*
6. Percepção de Opressão Social			0.13
7. Perpetração Global			

\*\*  $p < .01$

\*  $p < .05$

Adicionalmente, verificou-se que a vitimização e perpetração global apresentam uma correlação moderada positiva ( $r = 0.54$ ;  $p < .001$ ), ou seja, quanto maiores os valores de vitimização maiores serão os valores de perpetração.

No que concerne às regressões lineares múltiplas, constatou-se que o modelo, na qual engloba como variáveis predictoras discriminação, abertura em relação à orientação sexual e subescalas da HI (i.e., Identificação Pública, Percepção Interna de Estigma e Percepção de Opressão Social), explica 9.6 % ( $R^2 = 0.096$ ) da variação da vitimização global (ver Quadro 7) e é significativo ( $F(5, 142) = 3.01$ ,  $p < .05$ ).

#### Quadro 7.

##### *Resumo da análise de regressão para as variáveis predictoras da vitimização global*

Variável	<i>B</i>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>
(Constante)	2.08		0.53	.60
Discriminação	0.88	0.17	1.88	.06
Abertura em relação à orientação sexual	0.06	0.02	0.17	.87
Identificação Pública	- 2.87	- 0.26	- 2.76*	.00

Percepção Interna de Estigma	0.45	0.08	0.79	.43
Percepção de Opressão Social	0.62	0.09	1.05	.30

\*  $p < .05$

Relativamente à perpetração global, na qual engloba o mesmo conjunto de variáveis predictoras, constatámos que o modelo explica 9.6 % ( $R^2 = 0.096$ ) da sua variância (ver Quadro 8) e é significativo ( $F(5, 115) = 2.45, p < .05$ ).

Quadro 8.

*Resumo da análise de regressão para as variáveis predictoras da perpetração global*

Variável	<i>B</i>	$\beta$	<i>t</i>	<i>p</i>
(Constante)	0.84		0.38	.71
Discriminação	0.44	0.17	1.63	.11
Abertura em relação à orientação sexual	- 0.12	- 0.06	- 0.57	.57
Identificação Pública	- 0.79	- 0.15	- 1.39	.17
Percepção Interna de Estigma	0.54	0.19	1.76*	.08
Percepção de Opressão Social	0.06	0.02	0.18	.86

\*  $p < .05$

### 3.3. O efeito mediador da Autoestima

Outro objetivo da investigação foi explorar a relação da autoestima com a VN entre pessoas do mesmo sexo, especificamente o seu papel mediador na relação entre a violência no namoro e a HI. Ressalvando, que os participantes apresentavam valores de autoestima elevados ( $M = 35.39$  ( $DP = 5.54$ )), variando entre 10 e 40.

O primeiro modelo de mediação da nossa investigação engloba como variável preditora a subescala da identificação pública e como variável critério a vitimização global, uma vez que se constatou um efeito significativo na correlação entre ambas, e a como variável mediadora na relação entre ambas, a autoestima.

Contudo, primeiramente verificámos os pressupostos de normalidade mediante a regressão linear, na qual se confirmou significância do modelo ( $p < .05$ ), a normalidade dos resíduos no histograma, bem como no *P-P Plot*, e a homogeneidade de variâncias dos erros no *Scatterplot*.

Constatámos que o modelo explicou 5,9 % ( $R^2 = 0.059$ ) da variação da vitimização global e foi significativo ( $F(2, 149) = 4.66, p < .05$ ), sendo significativo e negativo o efeito total ( $B = -1.96, t = -2.40, p < .05$ ), bem como o efeito direto ( $B = -2.11, t = -2.59, p < .05$ ). Contudo, verificou-se que o efeito indireto foi positivo e não significativo ( $B = 0.154, 95\% IC = -0.13; 0.57$ ) (ver Quadro 9).

Quadro 9.

*Resultados de regressão para o modelo de mediação da vitimização global*

Variáveis predictoras	Autoestima		Vitimização Global	
	<i>B</i>	Erro-padrão	<i>B</i>	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			6.30**	1.41
Identificação Pública			- 1.96	0.82
<i>Efeito direto</i>				
Constante	36.92**	1.74	10.85	2.80
Identificação Pública	- 1.25	1.01	- 2.11	0.82

Autoestima - 0.12 0.07

*Efeito indireto*

Coef.	Erro-padrão	95% Bootstrap IC	
0.15	0.18	- 0.13	0.56

\*\*  $p < .001$

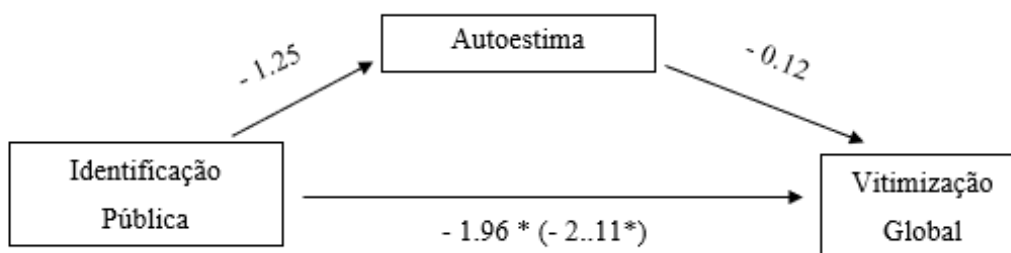


Figura 1. Coeficientes de regressão para a relação entre a identificação pública e a vitimização global mediada pela autoestima

\*  $p < .05$

De seguida, testou-se o modelo de mediação com a variável da perpetuação global como preditora e a perceção interna de estigma como variável critério, uma vez que ambas apresentavam uma associação mais forte comparativamente às restantes subescalas da HI.

Contudo, procedemos primeiro à verificação dos pressupostos de normalidade mediante a regressão linear, na qual se confirmou a significância do modelo ( $p < .05$ ), a normalidade dos resíduos no histograma, bem como no *P-P Plot*, e a homogeneidade de variâncias dos erros no *Scatterplot*.

Constou-se que o modelo explicava 5,3 % ( $R^2 = 0.053$ ) da variação da perpetuação global e foi significativo ( $F(2,120) = 3.35, p < .05$ ). Verificou-se que o efeito total foi positivo e significativo ( $B = 0.63, t = 2.58, p < .05$ ), bem como o efeito direto ( $B = 0.66, t = 2.49, p < .05$ ). Contudo, o efeito indireto não foi significativo e foi negativo ( $B = -0.03, 95\% IC = -0.30; 0.18$ ) (ver Quadro 10).



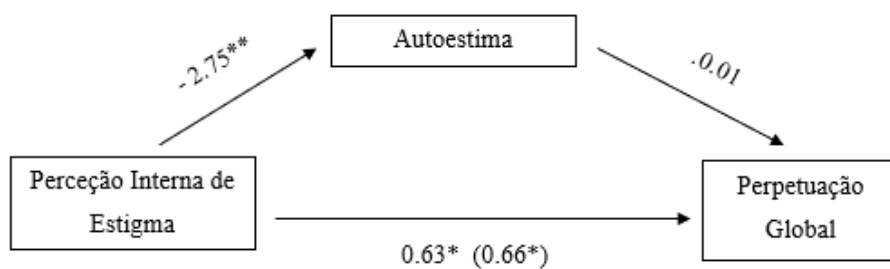
Quadro 10.

*Resultados de regressão para o modelo de mediação da perpetração global*

Variáveis predictoras	Autoestima		Perpetuação Global	
	<i>B</i>	Erro-padrão	<i>B</i>	Erro-padrão
<i>Efeito total</i>				
Constante			- 0.22	0.61
Perceção Interna de Estigma			0.63*	0.24
<i>Efeito direto</i>				
Constante	41.42**	1.50	- 0.68	1.65
Perceção Interna de Estigma	- 2.75**	0.60	0.66*	0.27
Autoestima			0.01	0.04
<i>Efeito indireto</i>				
	<i>Coef.</i>	<i>Erro-padrão</i>	<i>95% Bootstrap IC</i>	
	- 0.03	0.12	- 0.30	0.18

\*\**p* < .001

\**p* < .05



*Figura 2. Coeficientes de regressão para a relação entre a perceção interna de estigma e a perpetração global mediada pela autoestima*

\*\**p* < .001

\**p* < .05

### 3.4. Relação com a satisfação na relação

Pretendíamos explorar qual associação da violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo com a satisfação na relação, tanto para o indivíduo que é alvo de comportamentos

abusivos, como também para quem adota. A satisfação da relação foi mensurada pelo somatório da satisfação de cada participante, independente do seu estado relacional, obtendo uma média global 29.80 ( $DP = 4.99$ ) de 5 a 35, refletindo níveis globais elevados.

Por conseguinte, procedemos à aplicação do teste de correlação bivariada entre as variáveis e constatámos que a satisfação global e a vitimização apresentavam uma correlação negativa ( $r = - 0.22, p < .001$ ), ou seja, quanto maiores os valores de vitimização menor a satisfação na relação. Contudo, não se constatou uma correlação significativa com a perpetração global ( $r = - 0.04; p > .05$ ).

## Capítulo IV – Discussão

Pretendemos com esta investigação contribuir para o aumento do conhecimento científico e empírico referente ao fenómeno da violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo, uma vez que constitui um problema de saúde pública e afeta o indivíduo, a relação e as dimensões sociais em que está inserido e a sociedade.

Por conseguinte, e atendendo às especificidades dos casais do mesmo sexo (e.g., homonegatividade internalizada, discriminação), procurámos averiguar quais os fatores associados a este fenómeno e quais as suas consequências, bem como caracterizar e determinar as prevalências em contexto nacional.

O nosso 1º objetivo de investigação pretendíamos caracterizar a prevalência dos comportamentos abusivos em relações entre pessoas do mesmo sexo e com os resultados obtidos constatámos a existência deste fenómeno (i.e., tanto perpetrado como vitimizado) nas dinâmicas relacionais entre pessoas do mesmo sexo. Contudo, os resultados demonstraram frequências de vitimização e perpetração relativamente reduzidas (i.e., máximo de vitimização foi 27 e de perpetuação foi 11, de 0 a 42).

Os nossos resultados sustentam a literatura nacional referente à existência do fenómeno da VN em casais entre pessoas do mesmo, especificamente Santos e Caridade (2017), embora tenham reportado valores mais elevados, bem como as investigações que englobaram participantes heterossexuais (e.g., Neves et al. 2020; Magalhães et al, 2020).

Neste sentido, podemos afirmar a prevalência do fenómeno entre os casais do mesmo sexo, constando-se percentagens semelhantes ou até mesmo superiores comparativamente aos casais de sexo diferente. Estas diferenças poderão ser explicadas por diferenças metodológicas (i.e., o instrumento utilizado na mensuração da violência, a forma de definição do constructo de violência) ou pelo tamanho da amostra (N), reforçando a importância de aumentar o conhecimento e a compreensão das dinâmicas de violência subjacentes às relações íntimas.

Ademais uma das estratégias de violência psicológica específica dos casais entre pessoas do mesmo sexo (i.e., ameaça de *outing*) foi reportada em percentagens muito reduzidas na nossa amostra, sendo consistente com os encontrados na investigação de Yu et al. (2013), que se debruçou exclusivamente em casais constituídos por homens.

Ressalvando, que as prevalências verificadas para este comportamento abusivo (i.e., tanto a nível de vitimização como de perpetração) poderão ser interpretados mediante o nível de

abertura em relação à orientação sexual na nossa amostra, nomeadamente constatou-se valores superiores ao ponto médio da escala. Seria importante averiguar em futuras investigações, se uma maior abertura se associaria a uma maior prevalência do comportamento abusivo (i.e., ameaça de *outing*), uma vez que do nosso conhecimento não existe literatura empírica referente a esta associação.

Como 2º objetivo de investigação pretendíamos relacionar alguns dos fatores conceptualizados no quadro *Stress Minoritário* (Meyer, 2003) (i.e., discriminação percebida, abertura em relação à orientação sexual, HI) com o fenómeno da violência do namoro entre pessoas do mesmo sexo, tanto para a vitimização como para a perpetração.

Uma vez que a literatura evidência a necessidade de mais investigação referente à associação entre a discriminação e a VRI, e sustentando na literatura que evidência uma associação positiva entre estas variáveis, postulamos para a nossa 1º hipótese de investigação que níveis mais elevados de discriminação percebida se associava a níveis mais elevados de vitimização e perpetração.

Os nossos resultados corroboram a hipótese de estudo, ou seja, constatamos a existência de uma associação positiva e significativa entre a discriminação e a vitimização, bem como perpetração, da violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo. Neste sentido, verificámos que os dados obtidos estão de acordo com o que a literatura refere (Carvalho et al. 2011, Longobardi & Badenes-Ribera, 2017) e potencialmente refletem a atual sociedade heteronormativa, promotora do exercício de violência nas relações íntimas (Stephenson & Finneran, 2017).

No que concerne à abertura em relação à orientação sexual, embora a literatura apresente discordância nas evidências empíricas encontradas referente à sua associação com a VN, teorizamos como 2º hipótese de investigação os participantes com menor abertura à orientação sexual reportassem níveis mais elevados de vitimização e perpetração de violência no namoro.

Contudo, a nossa investigação não corroborou esta hipótese, uma vez que constatámos uma ausência de correlações significativas entre a abertura em relação à orientação sexual e a vitimização, bem como perpetração, na VN entre pessoas do mesmo sexo. Uma possível justificação poderá ser o fato de na nossa amostra se verificar uma elevada abertura em relação à orientação sexual (i.e., os participantes reportaram que os seus pares sabem da sua orientação sexual, mas é raramente discutido), que poderá promover no indivíduo uma maior visibilidade na sua relação e uma possível menor tolerância ao abuso exercido.

Uma outra justificação poderá ser a possível alargada rede social que os participantes terão, como resultado do reporte da elevada abertura referente à orientação sexual, que promoverá uma maior facilidade aquando da procura de ajuda e um menor isolamento da vítima. Por conseguinte, o exercício de violência no contexto de namoro será em menor frequência e gravidade.

No entanto, constatámos que a abertura em relação à orientação sexual estava correlacionada de forma significativa e negativa com a discriminação (i.e., menores níveis de *outness* associam-se a maiores níveis de discriminação percebida), e com as várias subescalas da HI, ressalvando que com a subescala da identificação pública a moderação foi moderada e significativa.

Seria, assim, importante replicar estes resultados e enriquecer a investigação científica sobre estas associações, realçando que algumas evidências empíricas verificaram que em esferas sociais cuja abertura é menor (e.g., família mais próxima) se associa ao receio de se ser discriminado na mesma (Oliveira et al. 2010).

Ademais, a nossa terceira hipótese de investigação teorizava que níveis mais elevados de HI se associavam a níveis mais elevados de vitimização e perpetuação de violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo. No que concerne à análise das correlações, para a vitimização a única correlação significativa foi com a subescala da identificação pública, tendo sido fraca e negativa (i.e., maiores níveis de identificação pública associam-se a menores níveis de vitimização), contrariando a literatura encontrada que evidencia correlações positivas com a vitimização da violência física e sexual (Balsam & Szymanski, 2005), bem como psicológica (Edwards & Sylaska, 2013).

Como possíveis justificações para estas discordâncias poderemos mencionar o reduzido tamanho da nossa mostra quando comparado à literatura que sustenta a associação positiva entre as variáveis, também os valores reduzidos HI que foram reportados pela nossa amostra poderão ter contribuído para tal. Uma outra possível justificação poderá ser a especificidade da amostra, nomeadamente na nossa investigação englobamos casais entre pessoas do mesmo sexo contrariamente à investigação de Balsam e Szymanski (2005), que englobou exclusivamente mulheres lésbicas, e a nossa amostra apresentou uma variação de idade superior à verificada no estudo de Edwards e Sylaska (2013), que se debruçou sobre os estudantes universitários.

A hipótese de estudo referente à perpetração foi parcialmente corroborada, uma vez que apenas a subescala da perceção de opressão social se correlacionou de forma positiva. Neste

sentido, os nossos resultados sustentam a literatura na qual são evidenciadas associações significativas entre a perpetuação de violência e a HI entre casais do mesmo sexo (McKenry et al., 2006; Pepper & Sand, 2015).

Uma possível explicação para a ausência de associações significativas com as restantes subescalas da HI, pode ser o facto de na nossa amostra se constatar uma reduzida homonegatividade internalizada, refletindo assim a reduzida existência de sentimentos, atitudes e crenças negativas dos participantes e, possivelmente, menor exercício de violência na relação de namoro.

Contudo, é importante ressaltar que a nossa investigação apenas verificou correlações entre a violência no namoro e algumas subescalas da homonegatividade internalizada, sendo importante em futuras investigações averiguar correlações significativas com escala na totalidade.

Definimos como 3º objetivo de investigação explorar a relação da autoestima com a VN entre pessoas do mesmo sexo, incluindo o seu potencial papel mediador na relação entre a violência no namoro e a HI. Respondendo, assim, à necessidade referida na literatura de integrar os fatores associados à violência no namoro com os fatores específicos das relações íntimas LGB (e.g., HI, *outness*). Teorizamos que ao se experienciar *stress* minoritário poderá ocorrer o aumento de violência nas relações íntimas mediante a redução da autoestima (Stephenson & Finneran, 2017).

Neste sentido, a nossa 4º hipótese postulava que os participantes com níveis mais elevados de homonegatividade internalizada apresentariam valores mais reduzidos de autoestima e, por conseguinte, reportariam maiores níveis de perpetração e vitimização de violência no namoro. Contudo, os nossos resultados não suportaram a hipótese, uma vez que apenas o efeito total e direto demonstram ser significativos, tanto para a vitimização como para a perpetração.

Uma possível justificação para os resultados obtidos, poderá ser as reduzidas frequências de vitimização (i.e. 27 de 0 a 42) e perpetração (i.e., 11 de 0 a 42) da nossa amostra, promovendo um reduzido poder estatístico. Outra possível justificação, e atendendo aos instrumentos utilizados, poderá ser o facto de a nossa amostra apresentar valores médios de autoestima elevados e valores médios de HI reduzidos, refletindo assim uma orientação positiva do indivíduo referente a si mesmo e a reduzida existência de conflitos internos, promovendo o estabelecimento de relações saudáveis.

Uma vez que a literatura refere a satisfação na relação como uma das consequências da VN mais reportada (Kaura & Lohman, 2007), e conjugando com a reduzida investigação da mesma, definimos como último objetivo de investigação averiguar a associação entre violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo e a satisfação na relação.

Neste sentido, a nossa última hipótese postulava que níveis mais elevados de vitimização e perpetração na relação de namoro se associavam a níveis mais reduzidos de satisfação na mesma. No que concerne à análise das correlações, a hipótese foi corroborada para a vitimização (i.e., os valores foram significativos e negativos, embora fracos), indo ao encontro da literatura que evidencia níveis mais elevados de violência no namoro se relaciona com menor satisfação da vítima com a sua relação (Kaura & Lohman, 2007).

Contudo, para a perpetração não se verificou uma correlação significativa com a satisfação na relação, contrastando com as evidências encontradas por McKenry et al. (2006), na qual verificaram menor satisfação dos perpetradores quando comparados com o grupo dos não perpetradores, realçando que foram utilizados casais entre pessoas do mesmo sexo.

Uma possível justificação para esta ausência ou fracas correlações poderá ter sido as reduzidas frequências de vitimização e perpetração, conjugado com os elevados valores médios globais de satisfação na nossa amostra (i.e., 29.80 de 5 a 35). A nossa investigação ao especificar para casais do mesmo sexo, conseguiu promover novos *inputs* sobre a associação entre a VN e a satisfação na relação. Contudo, e conjugando com reduzida literatura empírica referente à relação entre estes dois constructos, tornar-se-á fundamental alargar a sua investigação científica.

Um dos tópicos de maior discussão na literatura recai sobre o carácter unidirecional ou bidirecional deste fenómeno, definindo-se como reciprocidade a existência de agressões durante uma discussão em determinado momento após o/a companheiro/a iniciar o comportamento agressivo (Capaldi et al., 2007). Embora a nível internacional se verifique evidências que sustentam o carácter bidirecional da VRI (e.g., Langhinrichsen-Rohling et al., 2012; Straus & Gozjolko, 2014), a nível nacional ainda se constata uma grande lacuna.

Com a nossa investigação constatamos correlações moderadas e significativas entre a vitimização e perpetração, sustentando assim o possível carácter bidirecional da violência no namoro entre pessoas do mesmo sexo. Neste sentido, uma vez que não hipotetizamos sobre este tema, e sendo este um tópico emergente e de grande relevância na literatura, parece-nos relevante considerar este resultado para futuras investigações.

Importa mencionar algumas limitações que podem interferir com a validade da nossa investigação e do seu procedimento e os seus instrumentos utilizados e da dissertação em si. Primeiramente, enquanto investigadores, temos de averiguar estes fenómenos de forma adequada e precisa, e em simultâneo temos de respeitar a integridade de quem inquirimos.

Ademais, a nossa amostra restringe-se a uma população específica (i.e., considerada pela sociedade como uma minoria sexual) e conjugando com as variáveis em estudo (e.g., reduzida visibilidade, experiências discriminatórias), dificultou um pouco aquando da recolha de respostas ao questionário *online* (i.e., procurando uma maior abertura e à vontade do participante aquando da sua resposta) e, conseqüentemente, acabámos por demorar algum tempo na recolha de dados (i.e., publicado de Março até Agosto).

Outra limitação da nossa investigação é a sua natureza descritivo-correlacional, uma vez que não nos permite inferir relações de causalidade. Seria pertinente que futuras investigações utilizassem um design longitudinal, permitindo aferir o efeito e o sentido entre as variáveis. Ademais, e segundo evidências empíricas de Magalhães et al. (2020), constatou-se em contexto nacional percentagens representativas de jovens que legitimam comportamentos violentos, de controlo e de abuso nas suas relações íntimas, seria pertinente futuras investigações explorarem a sua relação com o fenómeno da VN entre pessoas do mesmo sexo, contribuindo para uma maior compreensão do fenómeno.

Neste sentido, conjugando com a legitimação e papéis de género que ainda regem a sociedade, estes comportamentos são romantizados e aceites pelos indivíduos, sendo necessário agir sobre este fenómeno, nomeadamente pela implementação de programas de prevenção em contexto escolar, procurando consciencializar os/as jovens para a problemática e promover o desenvolvimento de relações íntimas saudáveis, bem como a desconstrução da legitimação, romantização dos comportamentos abusivos.

Investigações futuras poderão beneficiar com a utilização de uma amostra mais específica (i.e., considerar uma amostra de pessoas identificadas como alvo de violência em serviços de apoio à vítima), uma vez que ao terem vivenciado relações abusivas, passaram por processos e experiências diferentes da população em geral, importa reforçar que as inferências sobre a mesma não deverão ser extrapoladas. Adicionalmente, com a utilização desta amostra mais específica poder-se-ão também revelar frequências de vitimização e perpetuação mais elevadas, logo, maior poder estatístico. Investigações futuras também poderão acrescentar um maior



conhecimento a este fenómeno ao utilizar uma amostra mais diversificada, nomeadamente a nível do estatuto socioeconómico, etnia, idade, género, orientação sexual e duração de relação.

A dissertação teve como finalidade contribuir para um maior conhecimento científico do fenómeno da VN entre pessoas do mesmo sexo, principalmente a nível nacional, onde se denota uma elevada carência de investigação. Foram encontradas evidências importantes e promotoras de novas hipóteses de investigação, como as correlações significativas e negativas entre a discriminação e a abertura em relação à orientação sexual, bem como as correlações moderadas e positivas entre a vitimização e perpetração.

Sucintamente, conseguimos verificar no nosso estudo a presença deste fenómeno nas relações entre pessoas do mesmo sexo e a existência de correlações significativas com os fatores conceptualizamos no quadro de Meyer (2003), nomeadamente com a discriminação e a homonegatividade internalizada. Contribuindo, assim, para o aumento da sua visibilidade em contexto nacional e reforçando o impacto que estas dinâmicas abusivas em contextos íntimos promovem no indivíduo.



## Referências

- Andrasik, M. P., Valentine, S. E., & Pantalone, D. W. (2013). “Sometimes You Just Have to Have a Lot of Bitter to Make It Sweet”: Substance Abuse and Partner Abuse in the Lives of HIV-Positive Men Who Have Sex with Men. *Journal of gay & lesbian social services*, 25 (3), 287-305. <https://doi.org/10.1080/10538720.2013.807215>
- Antonelli, P., Dèttore, D., Lasagni, I., Snyder, D. K., & Balderrama-Durbin, C. (2014). Gay and lesbian couples in Italy: Comparisons with heterosexual couples. *Family Process*, 53 (4), 702-716. <https://doi.org/10.1111/famp.12078>
- APAV. (2010). *Manual Alcipe: Para o atendimento de mulheres vítimas de violência* (2ª Ed). Retirado de [https://www.apav.pt/apav\\_v2/images/pdf/ManualAlcipe.pdf](https://www.apav.pt/apav_v2/images/pdf/ManualAlcipe.pdf)
- Badenes-Ribera, L., Sánchez-Meca, J., & Longobardi, C. (2019). The relationship between internalized homophobia and intimate partner violence in same-sex relationships: A meta-analysis. *Trauma, Violence, & Abuse*, 20 (3), 331-343. <https://doi.org/10.1177/1524838017708781>
- Balsam, K. F. (2001). Nowhere to Hide: Lesbian Battering, Homophobia, and Minority Stress. *Women & Therapy*, 23 (3), 25 – 37. [https://doi.org/10.1300/J015v23n03\\_03](https://doi.org/10.1300/J015v23n03_03)
- Balsam, K. F., Beauchaine, T. P., Rothblum, E. D., & Solomon, S. E. (2008). Three-year follow-up of same-sex couples who had civil unions in Vermont, same-sex couples not in civil unions, and heterosexual married couples. *Developmental Psychology*, 44 (1), 102–116. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.44.1.102>
- Balsam, K. F., & Szymanski, D. M. (2005). Relationship quality and domestic violence in women's same-sex relationships: The role of minority stress. *Psychology of Women Quarterly*, 29 (3), 258-269. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.2005.00220.x>
- Bartholomew, K., Regan, K. V., Oram, D., & White, M. A. (2008). Correlates of partner abuse in male same-sex relationships. *Violence and victims*, 23 (3), 344-360. <https://doi.org/10.1891/0886-6708.23.3.344>
- Borrajo, E., Gámez-Guadix, M., & Calvete, E. (2015). Cyber dating abuse: Prevalence, context, and relationship with offline dating aggression. *Psychological Reports*, 116 (2), 565-585. <https://doi.org/10.2466/21.16.PR0.116k22w4>

- Byrne, D. (1996). Clinical models for the treatment of gay male perpetrators of domestic violence. *Journal of Gay & Lesbian Social Services*, 4 (1), 107-116. [http://dx.doi.org/10.1300/J041v04n01\\_11](http://dx.doi.org/10.1300/J041v04n01_11)
- Capaldi, D. M., Kim, H. K., & Shortt, J. W. (2007). Observed initiation and reciprocity of physical aggression in young, at-risk couples. *Journal of Family Violence*, 22 (2), 101-111. <https://doi.org/10.1007/s10896-007-9067-1>
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise psicológica*, 24 (4), 485-493. <https://doi.org/10.14417/ap.541>
- Caridade, S., & Machado, C. (2012). Violência nas relações juvenis de intimidade: uma revisão da teoria, da investigação e da prática. *Psicologia*, 27 (1), 91-113. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v27i1.244>
- Carvalho, A. F., Lewis, R. J., Derlega, V. J., Winstead, B. A., & Viggiano, C. (2011). Internalized sexual minority stressors and same-sex intimate partner violence. *Journal of Family Violence*, 26 (7), 501-509. <https://doi.org/10.1007/s10896-011-9384-2>
- Costa, L. G., Machado, C., & Antunes, R. (2011). *Violência nas relações homossexuais: A face oculta da agressão na intimidade*. Retirado de <https://www.rea.pt/imgs/uploads/doc-estudos-2009-violencia-relacoes-homossexuais-face-oculta-agressao-intimidade.pdf>
- Costa, P. A., Pereira, H. & Leal, I. (2013) Internalized Homonegativity, Disclosure, and Acceptance of Sexual Orientation in a Sample of Portuguese Gay and Bisexual Men, and Lesbian and Bisexual Women, *Journal of Bisexuality*, 13 (2), 229-244. <https://doi.org/10.1080/15299716.2013.782481>
- Cramer, D. (2003). Facilitativeness, conflict, demand for approval, self-esteem, and satisfaction with romantic relationships. *The Journal of psychology*, 137 (1), 85-98. <https://doi.org/10.1080/00223980309600601>
- Cruz, J. M. (2003). “Why doesn't he just leave?”: Gay male domestic violence and the reasons victims stay. *The Journal of Men's Studies*, 11 (3), 309-323. <https://doi.org/10.3149/jms.1103.309>
- DGS (2014). *Violência Interpessoal Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde*. Retirado de <https://www.dgs.pt/documentos-e-publicacoes/violencia-interpessoal-abordagem-diagnostico-e-intervencao-nos-servicos-de-saude-pdf.aspx>

- Dank, M., Lachman, P., Zweig, J. M., & Yahner, J. (2014). Dating violence experiences of lesbian, gay, bisexual, and transgender youth. *Journal of youth and adolescence*, 43, 846-857. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9975-8>
- Dolezal, C., Carballo-Diéguez, A., Nieves-Rosa, L., & Díaz, F. (2000). Substance use and sexual risk behavior: Understanding their association among four ethnic groups of Latino men who have sex with men. *Journal of Substance Abuse*, 11 (4), 323-336. [https://doi.org/10.1016/S0899-3289\(00\)00030-4](https://doi.org/10.1016/S0899-3289(00)00030-4)
- Edwards, K. M., & Sylaska, K. M. (2013). The perpetration of intimate partner violence among LGBTQ college youth: The role of minority stress. *Journal of youth and adolescence*, 42 (11), 1721-1731. <https://doi.org/10.1007/s10964-012-9880-6>
- Edwards, K. M., Sylaska, K. M., & Neal, A. M. (2015). Intimate partner violence among sexual minority populations: A critical review of the literature and agenda for future research. *Psychology of Violence*, 5 (2), 112 - 121. <https://doi.org/10.1037/a0038656>
- Elísio, R., Neves, S., & Paulos, R. (2018). A violência no namoro em casais do mesmo sexo: discursos de homens gays. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 117, 47-72. <https://doi.org/10.4000/rccs.8149>
- European Union Agency for Fundamental Rights. (2020). *A long way to go for LGBTI equality*. Retirado de [https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra\\_uploads/fra-2020-lgbti-equality-1\\_en.pdf](https://fra.europa.eu/sites/default/files/fra_uploads/fra-2020-lgbti-equality-1_en.pdf)
- Ferreira, M. J. D. S. (2011). *A violência no namoro: Estudo exploratório de caracterização das reacções dos adolescentes face à violência* (Dissertação de Mestrado). Universidade do Minho, Faculdade de Psicologia, Portugal.
- Finneran, C., & Stephenson, R. (2014). Intimate partner violence, minority stress, and sexual risk-taking among US men who have sex with men. *Journal of homosexuality*, 61 (2), 288-306. <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.839911>
- Gillum, T. L. (2017). Adolescent dating violence experiences among sexual minority youth and implications for subsequent relationship quality. *Child and adolescent social work journal*, 34 (2), 137-145. <https://doi.org/10.1007/s10560-016-0451-7>
- Heise, L., & Garcia-Moreno, C. (2002). Natureza, magnitude e consequências da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo. In Butchart, A., Garcia-Moreno, C. & Mikton,

- C. (Eds). *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência* (pp. 11 – 17). Brasil: Organização Mundial de Saúde.
- Hendrick, S. S., Dicke, A., & Hendrick, C. (1998). The Relationship Assessment Scale. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15 (1), 137–142. <https://doi.org/10.1177/0265407598151009>
- Herek, G. M., Cogan, J. C., Gillis, J. R., & Glunt, E. K. (1997). Correlates of internalized homophobia in a community sample of lesbians and gay men. *Journal of the Gay and Lesbian Medical Association*, 2, 17-25.
- Jennings, W. G., Okeem, C., Piquero, A. R., Sellers, C. S., Theobald, D., & Farrington, D. P. (2017). Dating and intimate partner violence among young person’s ages 15–30: Evidence from a systematic review. *Aggression and violent behavior*, 33, 107-125. <http://dx.doi.org/10.1016/j.avb.2017.01.007>
- Jewkes, R. (2002). Intimate partner violence: causes and prevention. *The lancet*, 359, 1423-1429. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)08357-5](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)08357-5)
- Jewkes, R., Sen, P., Garcia-Moreno, C. (2002) Natureza, magnitude e consequências da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo. In Butchart, A., Garcia-Moreno, C. & Mikton, C. (Eds) *Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher: Ação e produção de evidência* (pp. 11 – 17). Brasil: Organização Mundial de Saúde.
- Kaura, S. A., & Lohman, B. J. (2007). Dating violence victimization, relationship satisfaction, mental health problems, and acceptability of violence: A comparison of men and women. *Journal of Family Violence*, 22 (6), 367-381. <https://doi.org/10.1007/s10896-007-9092-0>
- Kelley, M. L., Milletich, R. J., Lewis, R. J., Winstead, B. A., Barraco, C. L., Padilla, M. A., & Lynn, C. (2014). Predictors of perpetration of men’s same-sex partner violence. *Violence and Victims*, 29 (5), 784-796. <http://dx.doi.org/10.1891/0886-6708.VV-D-13-00096>
- Kline, R. X. (2011). *Principles and Practice of Structural Equation Modeling* (3ª Ed). Londres: The Guilford Press.

- Knoble, N. B., & Linville, D. (2012). Outness and relationship satisfaction in same-gender couples. *Journal of Marital and Family Therapy*, 38 (2), 330-339. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2010.00206.x>
- Langhinrichsen-Rohling, J., Selwyn, C., & Rohling, M. L. (2012). Rates of bidirectional versus unidirectional intimate partner violence across samples, sexual orientations, and race/ethnicities: a comprehensive review. *Partner Abuse*, 3 (2), 199–230. <https://doi.org/10.1891/1946-6560.3.2.199>
- Lavner, J. A. (2017) Relationship satisfaction in lesbian couples: Review, methodological critique, and research agenda. *Journal of Lesbian Studies*, 21 (1), 7 – 29. <https://doi.org/10.1080/10894160.2016.1142348>
- Longobardi, C., & Badenes-Ribera, L. (2017). Intimate partner violence in same-sex relationships and the role of sexual minority stressors: A systematic review of the past 10 years. *Journal of Child and Family Studies*, 26 (8), 2039–2049. <https://doi.org/10.1007/s10826-017-0734-4>
- Machado, C., Matos, M. & Gonçalves, M. M. (2006). *Manual da Escala de Crenças Sobre Violência Conjugal (E.C.V.C.) e do Inventário de Violência Conjugal (I.V.C.)* (3ª ed.). Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Machado, T.S., Macieira, I.M., & Carreiras, M. C. (2010). Violência nas relações de namoro: Influência de crenças e área de formação. *Psicologia Educação e Cultura*, 14 (2), 355-372.
- Magalhães, M. J., Rodrigues, A., Beires, A., Maia, A. M., Teixeira, A. M., Dias, A. T., ... Feireira, V. (2020). *Estudo Nacional sobre Violência no Namoro 2020*. Retirado de [https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/VN\\_2020\\_NACIONAL\\_UMAR.pdf](https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/VN_2020_NACIONAL_UMAR.pdf)
- Makepeace, J. M. (1981). Courtship violence among college students. *Family Relations*, 30 (1), 97-102.
- Matte, M., & Lafontaine, M. F. (2011). Validation of a measure of psychological aggression in same-sex couples: Descriptive data on perpetration and victimization and their association with physical violence. *Journal of GLBT Family Studies*, 7 (3), 226-244. <http://dx.doi.org/10.1080/1550428X.2011.564944>

- Matthews, A. K., Tartaro, J., & Hughes, T. L. (2002). A comparative study of lesbian and heterosexual women in committed relationships. *Journal of Lesbian Studies*, 7(1), 101-114. [https://doi.org/10.1300/J155v07n01\\_07](https://doi.org/10.1300/J155v07n01_07)
- McKenry, P. C., Serovich, J. M., Mason, T. L., & Mosack, K. (2006). Perpetration of gay and lesbian partner violence: A disempowerment perspective. *Journal of Family Violence*, 21(4), 233-243. <https://doi.org/10.1007/s10896-006-9020-8>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: conceptual issues and research evidence. *Psychological bulletin*, 129 (5), 674. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>
- Miller, D. H., Greene, K., Causby, V., White, B. W., & Lockhart, L. L. (2001). Domestic violence in lesbian relationships. *Women & Therapy*, 23 (3), 107-127. [http://dx.doi.org/10.1300/J015v23n03\\_08](http://dx.doi.org/10.1300/J015v23n03_08)
- Moleiro, C., Pinto, N., Oliveira, J. M. D., & Santos, M. H. (2016). *Violência doméstica: boas práticas no apoio a vítimas LGBT: guia de boas práticas para profissionais de estruturas de apoio a vítimas*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG).
- Moreira, J. M., Lind, W., Santos, M. J., Moreira, A. R., Gomes, M. J., Justo, J., ... & Faustino, M. (2006). “Experiências em Relações Próximas”, um questionário de avaliação das dimensões básicas dos estilos de vinculação nos adultos: Tradução e validação para a população Portuguesa. *Laboratório de Psicologia*, 4 (1), 3-27. <https://doi.org/10.14417/lp.760>
- Murta, S. G., Santos, B. R. P., Martins, C. P. S., & Oliveira, B. (2013). Prevenção primária à violência no namoro: uma revisão de literatura. *Contextos Clínicos*, 6 (2), 117 – 131. <http://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.62.05>
- Neves, S. (2014a). De vitimas a agressoras: A (aparente) dupla posição das raparigas na violência no namoro heterossexual. In V. Duarte & M. I. Cunha (Coord.) *Violências e Delinquências juvenis femininas: género e (in)visibilidades sociais*, 63 – 76. Famalicão: Edições Húmus.
- Neves, S. (2014b). Violência no namoro: conhecer para educar, educar para prevenir. In L. Valente Monteiro (Coord.), *Manual de Boas Práticas para as Comissões de Proteção de Crianças e Jovens* (pp. 142-149). Porto: Associação Projeto Criar



- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correia, M., Abreu, A. L., Correia, A., ... Silva, E. (2020) *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas – 2017/2020*. Retirado de <https://www.cig.gov.pt/wp-content/uploads/2020/02/Estudo-Nacional-VN-2017-2020.pdf>
- Nogueira, C., & de Oliveira, J. M. (2010). *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Oliveira, J. M. (2010). Orientação sexual e identidade de género na psicologia: notas para uma psicologia lésbica, gay, bissexual, trans e queer. In C. Nogueira & J. M. Oliveira (orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 19-44). Lisboa: CGI.
- Oliveira, J. M., Pereira, M., Costa, C. G. & Nogueira C. (2010). Pessoas LGBT – identidades e discriminação. In C. Nogueira & J. M. Oliveira (orgs.), *Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de género* (pp. 1-147). Lisboa: CGI.
- Paiva, C., & Figueiredo, B. (2003). Abuso no contexto do relacionamento íntimo com o companheiro: definição, prevalência, causas e efeitos. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 4 (2), 165-184.
- Pechorro, P., Marôco, J., Poiães, C., & Vieira, R. X. (2011). Validação da Escala de Auto-Estima de Rosenberg com adolescentes portugueses em contexto forense e escolar. *Arquivos de Medicina*, 25 (5-6), 174-179.
- Pepper, B. I., & Sand, S. (2015). Internalized homophobia and intimate partner violence in young adult women's same-sex relationships. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 24 (6), 656-673. <https://doi.org/10.1080/10926771.2015.1049764>
- Pereira, H., & Leal, I. P. (2005). Medindo a homofobia internalizada: A validação de um instrumento. *Análise Psicológica*, 23 (3), 323-328. <https://doi.org/10.14417/ap.96>
- Peterson, T. L., & Gerrity, D. A. (2006). Internalized homophobia, lesbian identity development, and self-esteem in undergraduate women. *Journal of Homosexuality*, 50 (4), 49-75. [https://doi.org/10.1300/J082v50n04\\_03](https://doi.org/10.1300/J082v50n04_03)

- Powell, A. (2010). Configuring consent: Emerging technologies, unauthorized sexual images and sexual assault. *Australian & New Zealand journal of criminology*, 43 (1), 76-90. <https://doi.org/10.1375/acri.43.1.76>
- Reuter, T. R., Newcomb, M. E., Whitton, S. W., & Mustanski, B. (2017). Intimate partner violence victimization in LGBT young adults: Demographic differences and associations with health behaviors. *Psychology of violence*, 7 (1), 101 – 109. <https://doi.org/10.1037/vio0000031>
- Ristock, J. L. (2003). Exploring dynamics of abusive lesbian relationships: Preliminary analysis of a multisite, qualitative study. *American journal of community psychology*, 31 (3-4), 329-341. <https://doi.org/10.1023/A:1023971006882>
- Rostosky, S. S., Riggle, E. D., Gray, B. E., & Hatton, R. L. (2007). Minority stress experiences in committed same-sex couple relationships. *Professional Psychology: Research and Practice*, 38 (4), 392 - 400. <https://doi.org/10.1037/0735-7028.38.4.392>
- Rusbult, C. E., Martz, J. M., & Agnew, C. R. (1998). The investment model scale: Measuring commitment level, satisfaction level, quality of alternatives, and investment size. *Personal relationships*, 5(4), 357-391.
- Santos, A. M. R., & Caridade, S. M. M. (2017). Violência nas relações íntimas entre parceiros do mesmo sexo: estudo de prevalência. *Temas em Psicologia*, 25 (3), 1341-1356. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2017.3-19Pt>
- Santos, P. J., & Maia, J. (2003). Análise factorial confirmatória e validação preliminar de uma versão portuguesa da escala de auto-estima de Rosenberg. *Psicologia: teoria, investigação e prática*, 2, 253-268.
- Smith, D. M., & Donnelly, J. (2000). Adolescent dating violence: A multi-systemic approach of enhancing awareness in educators, parents, and society. *Journal of Prevention and Intervention in the Community*, 21 (1), 53-64. [https://doi.org/10.1300/J005v21n01\\_04](https://doi.org/10.1300/J005v21n01_04)
- Stephenson, R., & Finneran, C. (2017). Minority stress and intimate partner violence among gay and bisexual men in Atlanta. *American journal of men's health*, 11(4), 952-961. <https://doi.org/10.1177/1557988316677506>

- Stiles-Shields, C., & Carroll, R. A. (2015). Same-sex domestic violence: Prevalence, unique aspects, and clinical implications. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 41 (6), 636-648. <http://dx.doi.org/10.1080/0092623X.2014.958792>
- Straus, M. A. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence against women*, 10 (7), 790-811. <https://doi.org/10.1177/1077801204265552>
- Straus, M. A., & Gozjolko, K. L. (2014). "Intimate terrorism" and gender differences in injury of dating partners by male and female university students. *Journal of Family Violence*, 29 (1), 51-65. <https://doi.org/10.1007/s10896-013-9560-7>
- Teten, A. L., Ball, B., Valle, L. A., Noonan, R., & Rosenbluth, B. (2009). Considerations for the definition, measurement, consequences, and prevention of dating violence victimization among adolescent girls. *Journal of Women's Health*, 18 (7), 923-927. <https://doi.org/10.1089/jwh.2009.1515>
- Turell, S. C. (2000). A descriptive analysis of same-sex relationship violence for a diverse sample. *Journal of Family Violence*, 15 (3), 281-293. <https://doi.org/10.1023/A:1007505619577>
- Veizina, J., & Hebert, M. (2007). Risk factors for victimization in romantic relationships of young women: A review of empirical studies and implications for prevention. *Trauma, Violence, & Abuse*, 8 (1), 33-66. <https://doi.org/10.1177/1524838006297029>
- White, J., Merrill, L. & Koss, M. (2001). Predictors of premilitary courtship violence in a navy recruit sample. *Journal of Interpersonal Violence*, 16 (9), 910-927. <https://doi.org/10.1177/088626001016009004>
- WHO, World Health Organization. (2002). *The world report on violence and health: summary*. Geneva: World Health Organization.
- Wolfe, D. A., Wekerle, C., Scott, K., Straatman, A., Grasley, C., & Reitzel-Jaffe, D. (2003). Dating violence prevention with at-risk youth: A controlled outcome evaluation. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 71 (2), 279-291. <https://doi.org/10.1037/0022-006X.71.2.279>
- Yu, Y., Xiao, S., & Liu, K. Q. (2013). Dating violence among gay men in China. *Journal of Interpersonal Violence*, 28 (12), 2491-2504. <https://doi.org/10.1177/0886260513479028>



## Anexos

### Anexo A. Consentimento Informado

O presente estudo surge no âmbito de uma dissertação de mestrado a decorrer no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa. Este estudo incide sobre a **qualidade e o conflito nas relações de namoro entre pessoas do mesmo sexo**. Para participar deverá **ter pelo menos 18 anos e já ter estado e/ou estar de momento numa relação íntima de namoro com uma pessoa do mesmo sexo**.

O estudo é realizado por Eliana Simões ([efmss@iscte-iul.pt](mailto:efmss@iscte-iul.pt)), orientado pela professora Carla Moleiro ([carla.moleiro@iscte-iul.pt](mailto:carla.moleiro@iscte-iul.pt)) e coorientado por Eduardo Reis ([Eduardo\\_silva\\_reis@iscte-iul.pt](mailto:Eduardo_silva_reis@iscte-iul.pt)), que poderá contactar caso deseje colocar uma dúvida ou partilhar algum comentário.

A sua participação, que será muito valorizada, consiste em responder a um questionário com uma duração total estimada de 15 min. **Não existem respostas certas ou erradas**, uma vez que pretendemos obter as suas impressões tal como são. Realçamos que algumas questões remetem para experiências pessoais, podendo assim promover algum desconforto, neste sentido **não necessita de responder obrigatoriamente a todas as questões**.

Ainda que possa não beneficiar diretamente com a participação no estudo, as suas respostas vão contribuir para uma melhor compreensão da qualidade e das situações de conflito em relações de namoro entre pessoas do mesmo sexo.

A **participação neste estudo é estritamente voluntária**: pode escolher participar ou não participar. Se escolher participar, pode interromper a participação em qualquer momento sem ter de prestar qualquer justificação. Para além de voluntária, a participação é também **anónima e confidencial**. Os dados destinam-se apenas a tratamento estatístico e nenhuma resposta será analisada ou reportada individualmente. **Em nenhum momento do estudo precisa de se identificar**.

Face a estas informações, por favor indique se aceita participar no estudo.

**Se aceitar participar, por favor clique no botão no canto inferior direito da página, e avance para a página seguinte**. O preenchimento do questionário presume que compreendeu e que aceita as condições do presente estudo, consentindo participar.